

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Victor de Oliveira Freitas

2014



UFRJ

**FUNDAMENTOS DO PROJETO POLÍTICO DE CÉSAR NA OBRA
*COMMENTARII DE BELLO GALLICO***

Victor de Oliveira Freitas

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Clássicas.
Orientador: Professora Doutora Vanda Santos Falseth

Rio de Janeiro
Novembro de 2014

Freitas, Victor de Oliveira

Fundamentos do Projeto Político de César na obra *Commentarii de Bello Gallico*/ Victor de Oliveira Freitas. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2014.
viii, 71 f.: 29,7 cm

Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, 2014.

Orientadora: Vanda Santos Falseth

Referências bibliográficas: 77 – 79.

1. César. 2. Projeto Político. 3. *Commentarii de Bello Gallico*. I. Vanda Santos Falseth. II. UFRJ, FL, PPGLC. III. Título

Fundamentos do Projeto Político de César na obra *Commentarii de Bello Gallico*

Victor de Oliveira Freitas
Orientadora: Vanda Santos Falseth

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Aprovada por:

Presidente, Professora Doutora Vanda Santos Falseth – UFRJ

Professor Doutor Carlos Eduardo Costa Scherer – UFRJ

Professor Doutor Amós Coêlho da Silva – UERJ

Professora Doutora Márcia Regina de Faria da Silva – UERJ (Suplente)

Professora Doutora Alice da Silva Cunha – UFRJ (Suplente)

Rio de Janeiro
Novembro de 2014

RESUMO

FREITAS, Victor de Oliveira. **Fundamentos do projeto político de César na obra *Commentarii de Bello Gallico***. Rio de Janeiro, 2014. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas). Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

A pesquisa abarca o projeto político cesáreo, escamoteado em *De Bello Gallico* e palpável na obra *De Bello Ciuile*. O foco foram as referências histórico-culturais, de valor discursivo e retórico, usadas ao longo daquela narrativa feita por César. De fato, o enfoque em questões daquela natureza parece contribuir para o advento de uma estratégia de engrandecimento e de possível autodefesa ante seus adversários. Com isso, foram analisados os recursos relacionados à autopromoção do general os quais alicerçam e possibilitam a concretização dos seus anseios políticos. Prestigiado e aclamado por suas glórias militares, César parece utilizar-se de uma ideologia conquistadora e de bases históricas de seu povo para empreender seu projeto político: o de incontestado líder e de missionário da necessária romanização do mundo antigo. Inicialmente, foram estudados a figura de César, o gênero ao qual pertence a obra analisada e as bases do projeto político de seu autor. Seguidamente, foram apresentadas as bases históricas e culturais de que se valeu e que contribuem para o descortino desses planos políticos. A pesquisa buscou indicar, ainda, de que modo as evidências de uma autopromoção viabilizaram as justificativas para ações no campo militar e político, dado o protagonismo posterior do general na Segunda Guerra Civil da República Romana.

Palavras-chave: César; projeto político; *De Bello Gallico*

ABSTRACT

FREITAS, Victor de Oliveira. **Fundamentos do projeto político de César na obra *Commentarii de Bello Gallico***. Rio de Janeiro, 2014. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas). Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

This research covers the Caesarean political project, which is palmed in *De Bello Gallico* and palpable in *De Bello Ciuile* work. It highlights the historical and cultural references of the discursive and rhetorical value used along that narrative by Caesar. Indeed, the focus on issues of this nature seems to contribute to the advent of a strategy of empowerment and self-defense against his possible opponents. Thus, the Caesarean-related self-promotion resources which support and enable the achievement of Caesar's aspirations were analyzed. Prestigious and acclaimed for his military glories, Caesar seems to make use of a conquering ideology and the historical basis of his own people to undertake his political project: to be the unchallenged leader and missionary of the Roman culture spread around the ancient world. Initially, the Caesar's figure, the genre to which the work belongs and the foundations of the political project of its author were studied. Afterwards, the historical and cultural foundations which contributed to uncover these political plans were presented. The research also aims to indicate how the evidence of Caesar's self-promotion enables the justification for his military and political actions, given the subsequent role of the general in the Second Civil War of the Roman Republic.

Keywords: Caesar; political project; De Bello Gallico

À minha família e àqueles que, verdadeiramente, torceram por mim.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo fundamental subsídio à minha pesquisa por meio da concessão de Bolsa de Mestrado durante o período de vinte meses.

À minha orientadora, Professora Doutora Vanda Santos Falseth, pela paciência durante todo o tempo da pesquisa, pelas primorosas intervenções, necessárias à melhor adequação deste trabalho e, principalmente, pela compreensão diante das inúmeras adversidades por mim enfrentadas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da UFRJ, sobretudo à Professora Doutora Tânia Martins, por todo o suporte e pela grande benevolência a mim direcionados nos momentos mais espinhosos dessa longa caminhada.

Ao Professor Doutor Carlos Eduardo da Costa Scherer, pelas palavras de estímulo, pelos preciosos conselhos, pelos perenes ensinamentos e pela sincera torcida por esta vitória.

Às minhas grandes amigas, Aline Paixão, Mariana Alfenas e Yamê Regina Alves, por todo o carinho e por todo o amor com os quais sempre me receberam e pelas palavras de conforto.

Aos queridos Millena Rocha de Sena, Raquel Carvalho e Tarcísio Nicácio, pelas contribuições fundamentais para o uso instrumental do francês e do inglês, respectivamente.

À companheira de pesquisa Vanessa Souza Peres, pela grande cumplicidade ao longo de todo o curso de Mestrado, pelos vários momentos de descontração e pelo apoio nos momentos difíceis.

À Camila Reis Portella, pela sincera amizade, pelo genuíno carinho e por todo o estímulo, sem os quais a minha trajetória teria sido um tanto quanto mais dura.

Aos meus pais e aos meus irmãos, pelo amor verdadeiro que nutrem por mim e que impulsiona a minha vida e as minhas escolhas sempre para o caminho do bem.

Ao amado Danny Augusto de Carvalho Santos, companheiro e amigo, essencial para muitas das minhas vitórias, por sempre acreditar em mim e em meu potencial, inclusive nos momentos em que eu mesmo duvidei de minha capacidade.

A Deus, por me permitir conquistas inúmeras, das quais sequer me imaginava merecedor.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. JÚLIO CÉSAR: incontestável líder	13
2.1. Vida pública	14
2.2. <i>De Bello Gallico</i>	18
3. O PROJETO POLÍTICO DE CÉSAR	21
3.1. Bases históricas	24
3.2. Bases culturais	32
3.3. O discurso propagandista de César	41
4. TRADUÇÃO E ANÁLISE DOS DISCURSOS	48
4.1. Tópicos acerca da natureza do lugar e da cultura dos povos	48
4.1.1. Divisão geopolítica da Gália	48
4.1.2. Costume dos Gauleses	49
4.1.3. Religião dos Gauleses	51
4.1.4. Comparação entre Gauleses e Germanos	52
4.1.5. Descrição geográfica das Ilhas Britânicas	54
4.2. Tópicos acerca de eventos históricos e de exaltação a valores	56
4.2.1. Negativa aos Helvécios	56
4.2.2. Preocupações com a República	57
4.2.3. Grande ofensa a Roma	59
4.2.4. Iniciativa de César	61
4.3. Tópicos acerca da perícia militar de César	62
4.3.1. O terror domina os soldados romanos	62
4.3.2. Restabelecimento do ânimo dos soldados romanos	64
4.3.3. Um novo ímpeto para guerrear	67
4.3.4. Uma grande demonstração de virtude	68
4.4. Tópicos acerca da valorização do inimigo	69
4.4.1. O grande valor bélico dos Nérvios	70
4.4.2. Ascendência de Vercingetórige	71
5. CONCLUSÃO	74
6. REFERÊNCIAS	77

1. INTRODUÇÃO

O escopo deste trabalho consiste em uma avaliação acerca das aspirações políticas de César implícitas na obra *Commentarii de Bello Gallico*. Para destrinchá-las, foram tomadas como base a identificação e a análise dos fundamentos que as sustentam. Para tanto, os principais aportes teóricos foram as obras *L'art de la déformation historique dans les Commentaires de César*, de Michel Rambaud, e *Estudos de História da Cultura Clássica*, de Maria Helena da Rocha Pereira.

O estudo tencionado buscou destacar elementos que tornassem concreto o projeto político cesáreo presente naquela narrativa. Por isso, foram feitos levantamentos que delimitaram o perfil do autor, a sua trajetória e o gênero de suas composições. Do mesmo modo, foram observadas as matrizes históricas e culturais das quais o destemido comandante se apropriou para viabilizar a implementação de seu programa de poder. Nesse sentido, fez-se primordial o exame sobre a resignificação da linguagem, conferida a todo o enredo, a qual engendra um processo de natureza propagandista não apenas espetacular, mas também fundamentalmente imprescindível para o logro almejado por seu mentor. Entende-se que a remodelagem dos fatos, atrelada ao resgate de importantes episódios históricos e ao respeito a determinados valores caros aos romanos, associada, ainda, ao investimento na crença de um ideal missionário, é o eixo para o içamento da figura de César a um patamar de absoluta liderança dentro do cenário político de Roma.

Para a consolidação das investigações apontadas, vários recortes cênicos serão apresentados. Inicialmente, constarão de caracteres que fazem emergir os anseios políticos enraizados no texto, a fim de caracterizá-los. Em seguida, o foco serão os excertos com ênfase em aspectos geográficos e culturais, com o propósito de expor a particularidade do lugar e a diversidade dos povos nele residentes. Também serão cotejados fragmentos fundados em eventos históricos e em traços glorificantes dos valores romanos, com vias de sinalizar a existência de um profundo conhecimento sobre as origens da República e de demonstrar uma grande capacidade para o seu comando. Por fim, serão balizados os capítulos nos quais a destreza militar de César e a grande virtude bélica dos inimigos estejam em relevo, para que reste evidente

a tentativa de robustecimento da imagem do nobre chefe romano e de investimento no mito acerca da desmedida complexidade da guerra gaulesa.

Estruturalmente, para a melhor organização da seção destinada à análise dos discursos, optou-se por manter a numeração adotada pelo texto do *De Bello Gallico* na edição inglesa da *The Loeb Classical Library*, vinculada à Universidade de Havard, com a indicação do número do livro e do número do capítulo. O texto latino usado, portanto, é o estabelecido por H.J. Edwards, publicado por aquela renomada instituição.

Por outro lado, para melhor compreensão dos alicerces históricos do empreendimento político escamoteado na obra, recorreu-se a diferentes produções, como *Roma Republicana*, de Norma Mendes, *História de Roma*, de Mário Curtis Giordani, *Caio Júlio César, Bellum Ciuile – A Guerra Civil*, clássica tradução de Antonio da Silveira Mendonça, *História da Vida Privada e A Sociedade Romana*, ambos de Paul Veyne, e *La Sociedad Romana*, de L. Friendlaender.

Foram de igual valia para as ponderações feitas *Júlio César – O ditador democrático*, de Luciano Canfora, *Imperialismo Greco-romano*, de Norberto Guarniello e *Vidas de César*, obra organizada por Antonio da Silveira Mendonça e Ísis Borges da Fonseca que reúne os clássicos produzidos por Suetônio e Plutarco. Igualmente, para a tradução do original latino, os dicionários de Ernesto Faria, de Francisco Torrinha e da Editora Porto.

Por fim, para melhor entendimento das peculiaridades quanto ao gênero explorado por César, foram utilizadas obras consagradas, como *História da Literatura Latina*, de Ettore Paratore, *Les Genres Littéraires à Rome*, de Martin e Gaillard, e *Historia de la Literatura Clásica*, de Kenney e Clausen.

O arcabouço teórico montado, então, almeja ratificar as pesquisas feitas, as quais, por sua vez, objetivaram elucidar o modo pelo qual César articula todo um aparato para a sua eterificação no imaginário de seus conterrâneos. Isso indica que a narrativa criada foi cuidadosamente planejada, a fim de que atuasse como genuína ferramenta de campanha para o cumprimento de seu grande desejo: ser visto como líder inquestionável e missionário predestinado do movimento de romanização de todo o mundo antigo. A percepção a respeito da ascendência e da trajetória política do ilustre romano é essencial para julgar a validade de seus planos, pois implica que se conceba como suficientemente

razoável a ardente cobiça pelo posto máximo de comando, devido à sua tão nobre estirpe. Reside justamente neste ponto o início efetivo das reflexões a que nos propusemos.

2. JÚLIO CÉSAR: INCONTESTÁVEL LÍDER

Gaius Iulius Caesar nasceu em Roma, de uma família da elite romana, no ano 100 a.C.. Lendas acerca de sua linhagem, segundo as quais seria a deusa Vênus, mãe do troiano Enéias, sua antepassada mais remota, distinguem-no dentre gloriosos cidadãos romanos.

Não bastasse tal ascendência, a Fortuna fez de César, sem dúvidas, o mais conhecido personagem romano de nosso tempo, pois que não só seus elevados feitos mas também sua produção intelectual imortalizaram-no para os romanos e para a humanidade.

Suas produções incluem poesias, discursos e livros sobre a gramática latina. Merecem referências o poema *Iter*, descrição de sua viagem de Roma para a Espanha Ulterior, e um elogio a Terêncio, com menções ao estilo refinado, embora pouco vigoroso, do comediógrafo. De sua atuação como orador, nada chegou até os nossos dias, apesar de se saber da existência de discursos contra um aristocrata, chamado Dolabela. De seus estudos gramaticais, nasceu *De Analogia*, obra em dois volumes, de teor um tanto prescritivo, a qual aconselhava a manutenção da tradição no bom uso da língua. Entretanto, a sua produção de maior relevo são os *Commentarii*, obras que abrangem diversos livros sobre a Guerra da Gália e a Guerra Civil.

Astuto e de rara inteligência, César passou sucessivamente por todos os empregos inferiores da República, tendo sido posteriormente nomeado governador da Espanha, onde se notabilizou por sua coragem. Quando regressou a Roma, foi eleito cônsul. Graças a Pompeu, a quem dera sua filha Júlia em casamento, obteve o governo das Gálias por um período de cinco anos. Pela sua bravura, estendeu os limites do império, chegou à Bretanha, ilha até então ignorada pelos Romanos, e forçou os Germanos a voltar para os seus próprios territórios.

O choque de interesses fez com que o grande líder travasse uma batalha pessoal contra aquele que se tornou o seu maior adversário, Pompeu. Dessa rivalidade, eclodiu uma guerra civil em Roma, vencida por César, que submeteu a Itália em sessenta dias. A Fortuna, porém, reservava-lhe um destino duro e cruel: César foi assassinado, em 15 de março de 44 a.C., em pleno senado, em uma conspiração que contou com a atuação daquele a quem

adotara como um próprio filho, Bruto. Suas últimas palavras, “*Tu quoque, Brute, fili mi?!*”, entraram para a história e são constantemente lembradas, sobretudo em situações que envolvem a traição de pessoas muito próximas.

Dentre suas ações, notabilizaram-se suas atuações como *pontifex maximus*, pretor urbano e cônsul. Eternizadas foram suas vitórias na Guerra Civil, na Guerra da Gália e na batalha de Zela, em que derrotou o Rei Farnaces do Ponto, ocasião na qual proferiu as célebres palavras “*Veni, vidi, vici.*”.

A inquestionável importância da figura de César para a grandeza de Roma é fonte de admiração, seja em função do título dado aos imperadores romanos, chamados de *Caesar*, seja em função da habilidade intelectual que demonstrou ao longo de sua gloriosa vida, tanto como líder quanto como escritor. São esses elementos que permitem considerá-lo verdadeiro *Dux*, na essência do significado do termo, tendo em vista as ações decisivas empreendidas para a consolidação da *Vrbs* como centro irradiador de civilização no mundo antigo.

2.1. Vida pública

A raiz aristocrática de César lhe possibilitou receber uma educação primorosa, a qual lhe facultaria trilhar um ilustre *Cursus Honorum*. Ainda menino, teve sua aprendizagem confiada a escravos gregos, considerados os melhores por sua imensa cultura e distinta pedagogia. Aprendeu leitura, escrita, gramática, retórica e grego, tópicos indispensáveis à formação de um romano de sua estirpe. A língua considerada por excelência a da máxima cultura favoreceu o enriquecimento intelectual do jovem César, que na adolescência já estudava as bases do Direito Romano e a Lei das Doze Tábuas.

Sua formação cultural, conforme aponta Accioli, foi complementada por um mestre gaulês, chamado Marco Antônio Gnifo, e não por um grego; além disso, deu-se fora de uma escola de retórica, tendo sido ampliada pelo contato com ex-escravos de elevada cultura.

Cabe notar que, nessa fase da vida em que as impressões são tão vivas, César se colocara sob a orientação de um gaulês e não de um grego. É possível que o contato com Gnifo tenha despertado, pela primeira vez, seu interesse com relação aos gauleses cisalpinos ou transalpinos. Acentua Warde Fowler, que a influência de um preceptor inteligente e amável e que compartilha da moradia de seu aluno deve ultrapassar de

muito a de um mestre, a cuja casa a criança se contenta em ir cada dia, à hora das lições. E se considerarmos ter Gnifo ensinado ao jovem César durante os anos das guerras social e civil, em que foi regulado o problema da extensão do direito de cidadania romana a italianos e gauleses da Itália Setentrional, podem supor que a amplitude de vistas de César nas questões políticas não se desenvolveu sem dever alguma coisa à nacionalidade e ao caráter de seu professor. (ACCIOLI, 1968, p. 15)

A habilidade intelectual alcançada permitiu a César distinguir-se posteriormente no cenário político romano. O início de sua vida pública se dá com o ingresso no serviço militar em 78 a.C., um pré-requisito para o caminho na magistratura. Como soldado de cavalaria, César luta no exército romano pela conquista de territórios na Ásia Menor e refugia-se na região até que haja um cenário político favorável para seu regresso a Roma. Partidário de Mário, seu tio, o jovem tornara-se inimigo e alvo de perseguições do ditador Sila. Assim, a necessária permanência junto ao exército funciona como uma espécie de laboratório para a edificação de sua diferenciada capacidade militar.

Tempos depois, com a morte de Sila e com a cidade sem referências de comando político, ao retornar, César trata de buscar a adesão e o respeito do povo. Para tanto, vale-se de seus atributos de oratória e retórica, aperfeiçoadas em Rodes, sob as lições de Apolônio Mólón. Defensor de Mário, o futuro general utiliza-se de estratégias de alcance popular, como o proferimento de discursos contra figuras públicas atuantes no governo de Sila, lembre-se mais uma vez o ataque a Dolabela. Além disso, vale-se de ações de revigoração do partido popular, com destaque para a luta pela restituição dos direitos dos Tribunos da Plebe. Assim, é aclamado chefe do partido, algo em harmonia com a inclinação política sempre demonstrada pelas causas populares. Cada vez mais reconhecido, o sobrinho do antigo cônsul é eleito pelo povo *tribunus militum* em 72 a.C. e, três anos mais tarde, é investido pelo senado no cargo de questor, exercendo-o na província da Hispânia Ulterior. A sua atuação na região é importante para a consolidação do domínio romano na península ibérica, tendo em vista a repressão de rebeliões que desafiavam a presença itálica.

O seu *Cursus Honorum* tem prosseguimento com sua investidura no cargo de edil, em 65 a.C., período no qual a cidade passa por transformações em sua infraestrutura e por obras de embelezamento. Além disso, é nessa época que começam a se delinear as alianças com Crasso e com Pompeu, as

quais culminarão mais tarde com o surgimento do Primeiro Triunvirato em Roma.

Dois anos depois, César é eleito *pontifex maximus* e se consagra por ações de valorização da liberdade e dos direitos populares. O posto de maior fiador da religião do Estado potencializa o seu acolhimento pelas massas, e, no mesmo ano, esse ilustre personagem romano é eleito pretor.

Como pretor na província da Hispânia, à sua disposição estão as ferramentas que lhe permitiriam ascender a cargos insignes da República: um exército e a fazenda pública. Desse modo, acumula riquezas e se destaca pela defesa aos pobres, subjugados pelos detentores de grandes propriedades. Semelhante ao que se vê em Roma, é aclamado pelo povo e atinge uma popularidade próxima da que possui na *Vrbs*. A sua atuação como pretor coincide, porém, com o consulado de Marco Túlio Cícero. Trata-se ainda do ano de 63 a.C., marcado pela denúncia de uma conspiração contra a República, arquitetada por Lúcio Sérgio Catilina, o qual foi duramente atacado pelo então cônsul por meio de discursos proferidos no Senado, conhecidos como Catilinárias. A oposição de César à condenação à morte sem qualquer tipo de julgamento dos participantes da conjuração serve de munição a seus inimigos políticos, os quais tentam associá-lo ao movimento insurreto, considerado uma grave ameaça à República. Nada, entretanto, nunca foi provado, e César, depois desse momento conturbado, é nomeado governador da Hispânia Ulterior.

Em 59 a.C., enfim, torna-se cônsul, tendo como colega Marco Bíbulo, seu inimigo político. A pouca participação deste no cenário político, talvez para complicar a atuação de César, foi alvo de piadas da população, a qual dizia os cônsules serem “Caio” e “Júlio César”. Em vista dos entraves enfrentados, estrategicamente o ilustre homem aproxima-se de duas outras grandes figuras republicanas: Pompeu, que havia obtido vitórias e conquistas importantes no Oriente, e Crasso, considerado o homem mais rico de Roma. Enquanto o primeiro pelejava com o Senado pela concessão de terras a seus legionários, o segundo fazia-o para conseguir o comando na guerra contra o Império Persa. Assim, sendo cônsul César, há a articulação para que se votem leis agrárias que assegurem aos veteranos e aos proletários lotes de terras alienáveis,

somada à ratificação dos atos de Pompeu no Oriente, ações marcantes que esboçam a aliança futura conhecida por triunvirato.

Após o seu consulado, César obtém o governo da Gália Cisalpina e da Ilíria por cinco anos. Inicia-se a guerra da Gália, de 58 a.C. a 52 a.C., intervalo temporal marcado pela eleição da dupla Pompeu e Crasso para o consulado, pelo fortalecimento da aliança entre os triúnviros e pela prorrogação por mais cinco anos dos poderes proconsulares de César na Gália, o qual havia cedido a mão de sua filha em casamento a Pompeu. Quis, entretanto, a Fortuna que essa aliança se desmantelasse. Com a morte de Júlia e, posteriormente, a de Crasso, naturalmente os dois triúnviros restantes digladiariam pelo poder absoluto.

Chega um tempo, contudo, em que o panorama político interno é conturbado, com embates entre facções armadas, as quais pareciam tentar fazer imperar a anarquia na Cidade. Ademais, o desejo de César de concorrer ao consulado de 49 a.C. estando ausente de Roma, a criação de alianças entre Pompeu e líderes do Senado, assim como a posterior cassação do privilégio popular do vencedor da Guerra da Gália, somada à destituição de seu comando militar, originaram um cenário crítico. Deste modo, o caminho encontrado pelo Senado foi eleger Pompeu cônsul único em 52 a.C., deliberação tipificada de um golpe de Estado. O conquistador do Oriente, tendo sido chamado *princeps* anos antes por Cícero, restabelece a ordem, é aclamado pelas instituições políticas e vê apenas um empecilho à sua soberania: Caio Júlio César.

A decretação do *senatus consultum ultimum* foi contestada pelos líderes populares, sem sucesso. Os tribunos da plebe partidários de César, após a supressão de seus direitos de intercessão e a suspensão de suas garantias, fogem de Roma e recorrem à clemência do estimado general. Ferido em sua *dignitas* e atacado em seu prestígio, César reúne suas tropas e lhes pede o apoio necessário para invadir e submeter a Itália.

A vitória sobre Pompeu na batalha de Farsália, em 48 a.C., o assassinato do conquistador do Oriente no Egito, as posteriores ações políticas e militares na Ásia e na África e a eliminação definitiva de ameaças trazidas por partidários pompeanos, com vitórias obtidas em Tapso e em Munda, compõem os capítulos do evento militar que garantiu a César o posto por ele tanto

desejado. Atinge-se o degrau máximo de seu *Cursus Honorum*, e o general torna-se ditador.

Como ditador, César promoveu transformações marcantes em Roma. De natureza social, vale frisar a distribuição de terras e de trigo e o combate ao luxo exagerado dos poderosos. De natureza política, cabe mencionar a criação de novas colônias e a concessão de direitos que serviram de base para o processo de romanização dos povos dominados. De natureza cultural, merece ênfase a criação de um plano de urbanização de Roma e o incentivo às artes de diversos modos. O trabalho do estadista ofereceu para o Ocidente como legado para o nosso tempo a criação de um calendário com trezentos e sessenta e cinco dias, com o acréscimo de um dia para anos bissextos. A carreira do ditador foi interrompida, entretanto, de maneira abrupta com o seu assassinato em pleno senado, fato este que se tornou um dos eventos mais lembrados quando se pensa na magnitude de Roma.

Esse evento, porém, não determinou que as ações políticas de César fossem esquecidas. Na verdade, graças às sólidas bases firmadas, Roma viveu no século de Augusto os seus tempos mais áureos, tanto no que diz respeito às artes, como no que diz respeito ao seu expansionismo. Dessa forma, embora a esse tempo sem seu idealizador, o projeto político cesariano pode ser considerado bem-sucedido, visto que a antiga pequena cidade do tempo de seus antepassados, com importância mínima na região do Lácio, tornou-se o maior império da história da humanidade, com limites jamais alcançados por quaisquer outras civilizações.

2.2. *Comentarii de Bello Gallico*

A obra *Commentarii de Bello Gallico*, conhecida em português pelo título “Comentários sobre a Guerra Gaulesa”, reúne sete livros em que César relata as operações militares desenvolvidas na Guerra da Gália, a qual teve duras batalhas entre romanos e povos de diferentes etnias e costumes, durante os anos de 58 a.C. a 52 a.C..

A cada um dos livros que compõem a obra, corresponde uma campanha militar empreendida por César. Nessa obra, percebe-se seu viés historiador, o que confere aos fatos narrados uma importância histórica inestimável em

função da descrição geográfica da região em que se fundamenta a narrativa e da riqueza de detalhes quanto aos costumes dos povos nela retratados.

Além disso, é importante pensar a confluência de valores caros ao povo romano, os quais justificam o acontecimento daquela guerra. Do mesmo modo, não se pode ignorar que foram utilizados por César para compor sua narrativa e justificar suas ações políticas. Nesse sentido, vale a referência ao seguinte provérbio de Virgílio: “*Tu regere imperio populus, Romane, memento (haec tibi erunt artes), pacisque imponere morem, parcere subiectis et debellare superbos.*” (Virg. Em. 6, 851 – 853) “Lembra-te, romano, de reger os povos pelo império; (estas são as tuas artes) impor o costume da paz; poupar os vencidos; esmagar os soberbos!”.

As palavras de Virgílio, pela fala do pai de Eneias, representam o lema de Roma e a missão incutida no íntimo de cada cidadão romano. É em respeito a essa sentença que César investe em campanhas militares as quais culminam com a Guerra da Gália, uma vez que o objetivo era proteger as tribos aliadas de Roma das ações dos Helvécios e dos Germanos.

Todavia, quando se faz uma análise objetiva da obra, há uma tendência da crítica em considerá-la uma estratégia de autopromoção, com fins de elevar e consagrar a figura de seu autor, o qual tinha como grande rival Pompeu. De fato, para lograr êxito quanto ao projeto político mascarado em sua narrativa, César apela não só para seus grandes feitos e para o uso da 3ª pessoa do discurso como também para a essência daquele que seria posteriormente o lema romano, quer por meio de referências aos traços culturais e hábitos de povos ainda não romanizados, como os Germanos, quer por meio do enaltecimento às ações romanas de tutela aos povos de alguma maneira já romanizados. Por fim, ainda como alicerce daquele projeto, nota-se em seu texto, por diversas vezes, uma exaltação aos povos inimigos.

Igualmente, a crítica assinala uma ampliação empreendida pelo vitorioso líder à modalidade textual que produziu, tornando-a um gênero da literatura latina. Entende-se que obras como *Commentarii de Bello Gallico* componham, inicialmente, uma modalidade encerrada em uma subclasse da historiografia romana, chamada *commentarius*, de antecedência grega, conhecida por *hypomnema*.

É bom, porém, lembrar que a palavra portuguesa e a latina não recobrem o mesmo campo semântico, uma vez que entre nós o emprego corrente do vocábulo pressupõe texto ou matéria sobre o qual discorre. Em latim, o termo vinculado etimologicamente a *mens*, teve o sentido de livro de reflexões, caderno de apontamento, lembrete, diário, texto escrito ao correr da pena, conciso e destituído de ornamento. (MENDONÇA, 1999, p. 27)

O estilo cesariano, contudo, imprimiu, não obstante a sua simplicidade, elegância e maestria à obra, a ponto de Cícero, cultuado por sua inigualável oratória e domínio da língua latina, considerar imprudência a sua reelaboração por historiadores. Ressalte-se, nesse sentido, que a formação cultural e a inteligência privilegiada do famoso general atuaram decisivamente para isso, pois permitiram o advento de um novo gênero literário e immortalizaram pelas letras a glória alcançada em campos de batalha.

Sobre essas letras, é importante observar a sobriedade predominante e a perspicácia persuasiva, sobretudo devido à estratégia de desmembrar a figura do narrador e a figura do personagem histórico.

Ora, fazê-la participar do discurso autobiográfico como substituto da primeira pessoa tem como efeito provocar no leitor a ilusão de que a pessoa cujos fatos se narram e o narrador constituem entidades diferentes, de que entre eles não há a cumplicidade de alguém que fala em causa própria. Esse distanciamento e aparente não-envolvimento dão ares de isenção, descartam suspeitas de favorecimento e contribuem poderosamente para conferir credibilidade ao relato. (MENDONÇA, 1999, p. 31, 32)

De pureza artística e latinidade clara e correta, *Commentarii de Bello Gallico* está marcada na história da literatura latina. A sua importância como documento histórico e o seu aspecto monumental fizeram a obra tornar-se objeto de estudo para diversos especialistas ao longo dos tempos, algo que perpetua a engenhosidade de seu autor, o qual a produziu lutando contra a fugacidade do tempo. Ainda que aborde sete anos de batalhas e escaramuças nas regiões da Gália, estima-se que o livro tenha sido escrito entre 52 a.C. e 51 a.C.; portanto, mais proximamente do fim do conflito que consagrou seu principal personagem como o Conquistador do Ocidente. Durante aqueles anos e os anteriores, todavia, com bastante frequência, César enviava relatórios acerca de suas ações bélicas. O objetivo, segundo apontam estudiosos, era não se fazer esquecido, sobretudo por causa do imenso prestígio alcançado por Pompeu após as conquistas no Oriente. Assim, a reunião dos feitos em batalha na Guerra da Gália atuou como o arremate perfeito para a posterior concretização do projeto político cesáreo.

3. O PROJETO POLÍTICO DE CÉSAR

Ao estudar a obra objeto deste trabalho e associá-la à produção seguinte do autor em questão, parece bastante elucidativo que o desejo maior de Júlio César era tornar-se o senhor de toda a Roma.

Para tanto, vale-se de estratégias que lhe possibilitem atingir essa meta de modo sólido. Assim, atuam de modo cíclico em *Commentarii de Bello Gallico*: *i*) o investimento na ideia de que é a pessoa mais preparada para exercer a liderança em Roma; *ii*) a dignificação dos seus feitos na Guerra da Gália; *iii*) a exaltação aos inimigos combatidos e *iv*) o respeito aos valores e ao passado romanos. Isso torna o projeto cesáreo consistente, de modo que passa a justificar as posteriores ações do general no que diz respeito às decisões senatoriais contrárias a seus interesses. Os excertos abaixo em latim seguidos da minha tradução estão em consonância com as considerações feitas.

*“[I, 13] Helvetii repentino eius adventu commoti, cum id, quod ipsi diebus XX aegerrime confecerant, ut flumen transirent, illum uno die fecisse intellexerent, legatos ad eum mittunt (...)”*¹

[I,13] Os Helvécios, balançados com a sua chegada repentina, porque compreendessem que ele tinha feito em um único dia aquilo que eles próprios dificilmente teriam conseguido em vinte para atravessarem o rio, enviam-lhe embaixadores.

A partir do trecho visto, é possível notar a valorização pelo inimigo da figura cesárea, o respeito por ela despertado. O reconhecimento das grandes faculdades do general, conforme aponta esse extrato, atende à finalidade de exaltar a sua capacidade de líder. Aspectos relativos aos costumes dos antepassados, aos valores e à própria história dos romanos também constituem importantes recursos, como se pode ver na sequência:

[I,43] Populi Romani hanc esse consuetudinem, ut socios atque amicos non modo sui nihil deperdere, sed gratia, dignitate, honore auctiores uelit esse: quod uero ad amicitiam populi Romani attulissent, id iis eripi quis pati posset?²

[I,43] O costume do povo romano era este: desejar que aliados e amigos, de modo algum, nada de seu perdessem, mas sim que fosse mais próspero em reconhecimento, valor e honra. Aquilo, porém, que tivessem

¹ CAESAR, C. Julius, *The Gallic War*, página 20.

² CAESAR, C. Julius, *The Gallic War*, página 70.

trazido para a amizade do povo romano, quem poderia suportar que lhes fosse arrancado?

A passagem acima pauta-se pela exaltação de aspectos valorativos da cultura romana, sobretudo no que tange à *fides*. Torna-se perceptível a ação de tutela em relação aos aliados, algo que era extremamente respeitado e glorificado pelos romanos. Com isso, a referência a um atributo tão caro a seu povo não apenas justifica as batalhas empreendidas assim como erige a figura do vencedor, tornando-a etérea. A seguir, há outra passagem na qual se percebe o respeito a alianças firmadas, seguido do cuidado em demonstrar conhecimento quanto a episódios importantes da história romana e à atuação do Senado.

[I,45] Multa ab Caesare in eam sententiam dicta sunt quare negotio desistere non posset: Neque suam neque populi Romani consuetudinem pati uti optime merentes socios desereret, neque se iudicare Galliam potius esse Ariouisti quam populi Romani. Bello superatos esse Aruernos et Rutenos a Quinto Fabio Maximo, quibus populus Romanus ignouisset neque in provinciam redegisset neque stipendium imposuisset. Quod si antiquissimum quodque tempus spectari oporteret, populi Romani iustissimum esse in Gallia imperium; si iudicium senatus obseruari oporteret, liberam debere esse Galliam, quam bello uictam suis legibus uti uoluisset. (CAESAR, 2006, p.74, 75)

[I,45] Muitas coisas foram ditas por César até essa resolução, por isso não poderia desistir da tarefa: nem o seu costume e nem o do povo romano permitiam que abandonasse aliados os quais perfeitamente prestavam serviços. Além disso, ele não julgava que a Gália fosse antes de Ariovisto que do povo romano. Na guerra, os Avernos e os Rutenos haviam sido superados por Quinto Fábio Máximo, os quais o povo romano tinha ignorado, não os tendo reduzido à província e nem lhes tendo imposto tributo. Quanto a isso, se fosse necessário algum período mais antigo ser observado, o poder do povo romano na Gália era justíssimo; se fosse necessária a decisão do senado ser considerada, a Gália deveria ser livre, a qual, vencida na guerra, as suas leis, haveria desejado que ela usasse.

Em relevo, está a hombridade de César no que diz respeito à resolução tomada mediante a uma delicada questão que se interpunha. Novamente, é possível notar a preocupação em obedecer a princípios básicos para um bom romano. A *Fides* é a base, mais uma vez, da ação do general. Igualmente, desempenha um papel relevante o culto aos feitos de outro eminente cidadão. A rememoração a Quinto Fábio Máximo e à deliberação do Senado cumpre o objetivo de mostrar cultura e, dessa forma, trazer caracteres distintivos para o texto produzido.

É interessante salientar ainda o fato de César apresentar-se de forma semelhante a um missionário, a quem caberia a incumbência de cumprir com o

processo de romanização do mundo antigo. Nesse sentido, é manifesta a referência a hábitos considerados degradantes pelos romanos e comuns aos inimigos, com o intuito de balizar os empreendimentos realizados e elevá-los a categoria de extremamente necessários. Esse recurso pode ser observado no fragmento latino subsequente, também traduzido por mim:

[VI,21] Germani multum ab hac consuetudine differunt. Nam neque druides habent, qui rebus divinis praesint, neque sacrificiis student. Deorum numero eos solos ducunt, quos cernunt et quorum aperte opibus iuventur, Solem et Vulcanum et Lunam, reliquos ne fama quidem acceperunt. Vita omnis in venationibus atque in studiis rei militaris consistit: ab parvulis labori ac duritiae student. Qui diutissime impuberes permanserunt, maximam inter suos ferunt laudem: hoc ali staturam, ali vires nervosque confirmari putant. Intra annum vero vicesimum feminae notitiam habuisse in turpissimis habent rebus; cuius rei nulla est occultatio, quod et promiscue in fluminibus perluuntur et pellibus aut parvis renonum tegimentis utuntur magna corporis parte nuda. (CAESAR, 2006, p.344, 346)

[VI,21] Os Germanos diferem muito deste costume. De fato, nem possuem druidas que presidam as questões divinas, nem se aplicam a sacrifícios. Falam de um número de deuses únicos, que distinguem e por cujos trabalhos são auxiliados abertamente: Sol, Vulcano e Lua; os restantes, nem sequer pela fama conheceram. Toda a vida consiste em caçadas e em paixões pela arte da guerra: dedicam-se desde pequeninos ao trabalho e à aspereza. Aqueles que permaneceram castos por muito tempo alcançam entre os seus o máximo louvor: acreditam que com isso a estatura aumenta, que as forças aumentam e que os nervos se restabelecem. Consideram atitudes muito horrendas ter tido verdadeiramente, antes dos vinte anos, contato com mulher: para quem o ato de se esconder é nenhum, porque se banham promiscuamente nos rios e se vestem com peles ou pequenos vestidos de renas, estando grande parte do corpo nua.

Esses extratos apontam para a ênfase nas gritantes diferenças culturais entre gauleses e germanos e, conseqüentemente, entre estes e os romanos. A descrição daquilo a que se resume a vida dos germanos e o uso de termos como “*promiscue*” (*promiscuamente*) ratificam a tentativa de construção de um cenário degradante, algo que, com isso, justificaria a necessidade de romanizar aquele povo.

Assim, com a apresentação de elementos que justificam suas ações militares e que visam a seu engrandecimento, César procede à conjugação de uma ação prezada pelo povo romano – a de civilizar o mundo antigo – com seus anseios políticos. Para concretizá-los, faz-se necessário também demonstrar um conhecimento histórico profundo acerca de seu povo e uma cultura vasta, alicerçada em caracteres célebres e dignos de honrarias. Nesse

sentido, é válido analisar os pilares histórico e cultural que fomentam o projeto do autor, os quais serão esmiuçados na sequência.

3.1. Bases históricas

Para descortinar o projeto político de César, é necessário salientar episódios marcantes da ascensão de Roma, que se tornou senhora de todo o ocidente conhecido na Antiguidade. De fato, desde a sua fundação até a sua hegemonia na península itálica e no mediterrâneo, os romanos enfrentaram inúmeros embates contra diversos povos e cidades. Alguns daqueles choques ameaçaram a longevidade da cidade ou abalaram suas instituições políticas. A superação, todavia, de tantos entraves ao crescimento da cidade parece ter despertado no romano um senso de magnanimidade que o fazia julgar-se o povo mais importante do orbe terrestre, cuja missão seria doutrinar o mundo.

Há controvérsias acerca do ano e do século em que Roma foi fundada. Tradicionalmente, acredita-se que a cidade surgiu no século VIII antes de Cristo, no ano 753. Tem sido comum, todavia, localizar esse evento na segunda metade do século VI. Para uns, os etruscos, ao efetuarem a unificação das aldeias existentes nas colinas do Tibre, seriam os responsáveis pela fundação da *Vrbs*.³ Para outros, o mérito coube a pastores e camponeses vindos de Alba Longa, terra do avô de Rômulo, considerado este, pela tradição literária, o fundador de Roma. De qualquer modo, são unânimes as considerações acerca das contribuições etruscas para o fortalecimento da cidade. Com o legado etrusco, Roma adquire maior unidade política, progride no manejo agrícola, domina tópicos fundamentais de arquitetura, incorpora inúmeros elementos de cunho religioso à sua fé e amplia o sistema linguístico de sua própria língua, o latim.

As marcas daquele povo da Etrúria também podem ser percebidas, conforme aponta a literatura, no regime monárquico da cidade, em virtude de seus três últimos reis terem sido etruscos. O fim da monarquia com o advento do regime republicano é um marco fundamental da história romana, pois, apesar do deliciado momento político, permitirá a reorganização e a

³ GIORDANI, Mario Curtis. *Historia de Roma – Antiguidade Clássica II*, página 29.

consequente união das duas ordens sociais de Roma, os patrícios e os plebeus. A interdependência entre as duas classes lhes permitirá a coesão primordial e necessária para a resistência ante os inimigos externos da península itálica e para a expansão dos limites da cidade, até então reduzida e sufocada pelos Montes Tiberinos e pela costa da Etrúria.

Sob a égide republicana, Roma vive indiscutíveis progressos e glórias. Inicialmente, readquire a hegemonia e a supremacia no Lácio, perdidas após a saída dos etruscos com a queda da monarquia. A batalha no lago Regilo, no século V antes de Cristo, vencida pelos romanos contra os latinos, permitiu o surgimento de uma aliança entre ambos os povos, essencial para a *Vrbs* na luta contra adversários fortes e ameaçadores: os sabinos, os équos e os volscos, todos auxiliados pelos etruscos.

No fim do século V, os romanos vencem os volscos, tendo firmado, provavelmente, um acordo de paz com os sabinos anteriormente, dado que não se encontrem registros de conflitos militares entre ambos. No início do século seguinte, sobrepõem-se aos équos e tomam a cidade etrusca de Veios. Essa vitória permite a Roma acessar a fértil e rica região da Etrúria e, em aliança com os latinos, desfrutar de uma posição política diferenciada no Lácio.⁴ Todavia, anos mais tarde, os romanos experimentaram um desastroso acontecimento: a invasão da cidade pelos celtas, por volta de 390 a.C.. Carente de fortificações que lhe possibilitassem uma defesa segura contra os invasores, Roma se fragiliza, e sua população se refugia em Veios e no Capitólio. Um tratado de paz restabelece a liberdade aos romanos pelo preço de mil libras de ouro. A humilhação torna-se uma importante lição para a *Vrbs*, que investe em suas fortificações a fim de coibir novos saques e se reorganiza militarmente com base nas vivências de guerra adquiridas. Essas ações apresentam-se como determinantes para a conquista da Itália Central, o que possibilita aos romanos estabelecerem definitivamente sua influência na Etrúria, ainda que somente na parte meridional, e assenhorem-se do Lácio. O desejo de conquistas e de expansão é cada vez mais alimentado. Nesse sentido, a conquista da Campânia representa um importante passo para o domínio da península itálica, devido à imensa fertilidade agrícola da região e à

⁴ Ibidem

vastidão dos campos, favoráveis ao treinamento e à ampliação da cavalaria. Entretanto, o sucesso na Campânia não veio sem duras batalhas contra os samnitas. Os romanos travaram contra esse povo três guerras para obter o domínio da rica região. A vitória na batalha de Sentinum, em 295 a.C., na qual Roma venceu um exército de samnitas, gauleses e etruscos, permite que se dê um grande passo rumo à unificação da Itália.

A próxima etapa da expansão romana é, inquestionavelmente, decisiva para o surgimento do vasto legado deixado pela *Vrbs* para o mundo ocidental; trata-se da conquista da Itália Meridional, com o triunfo sobre Tarento. Realmente, a anexação da Campânia, feita anteriormente, permitiu a aproximação românica dos limites territoriais da Magna Grécia ou Itália do Sul, o que deixou os tarentinos preocupados, devido ao constante e ameaçador avanço territorial romano. Com a intervenção de Pirro, em favor da metrópole grega, o rei do Epiro retarda o sucesso de Roma na região. A vitória do epirota nas batalhas de Heracleia e de Ásculo, com grandes perdas para ambos os lados, não abala os ânimos dos romanos. Igualmente, a sua retirada da Itália para lutar contra cartagineses na Sicília favorece a ocupação de Tarento. Ameaçados pelas investidas romanas, os tarentinos apelam pelo regresso de Pirro. O seu retorno para a Itália é marcado por sua derrota na batalha de Benevento, na região da Campânia, em 275 a.C., por seu retorno para a Grécia e pelo envio de seu lugar-tenente, Milon, para salvaguardar Tarento. Os romanos, então, não enfrentam grandes dificuldades para ocupar a metrópole grega, acontecimento que se dá em 272 a.C., e expandir os limites da *Vrbs* até a Itália Meridional. A anexação de um importante centro de cultura helenística permite a Roma desenvolver-se exponencialmente em inúmeros aspectos, sobretudo no das artes. É a partir do contato estabelecido com Tarento que começam a surgir as primeiras obras da literatura latina. Além disso, a hegemonia adquirida naquela região permite aos romanos traçar novas metas, agora além da península itálica. Para tanto, tornar-se-ia vital para Roma sobrepujar Cartago.

As Guerras Púnicas, batalhas envolvendo romanos e cartagineses, consolidaram a Cidade como principal centro econômico e político também do mediterrâneo e marcaram a destruição de Cartago. A famosa frase “*Delenda Carthago est*”, proferida exaustivamente por Catão, indica a ameaça que os

púnicos representavam às ambições romanas. Em três oportunidades, houve embates entre os dois povos. Na Terceira Guerra Púnica, entretanto, ocorre algo sem precedentes na história de Roma e que representa uma exceção ao seu processo expansionista ao longo dos tempos: a destruição total de uma cidade contra a qual os romanos tenham feito campanhas militares. O lendário episódio da destruição dos alicerces de Cartago e da salinização de seu solo, a fim de que nada mais ali nascesse, representa a magnitude da rivalidade entre latinos e púnicos.

O domínio da bacia do mediterrâneo introduz um novo capítulo no progresso romano, dada à intensificação da influência helênica e à organização das quatro primeiras províncias naquela região: a da Sicília, a da Sardenha, a da Hispânia Citerior e a da Hispânia Ulterior. Ademais, permite aos latinos, afastado o perigo representado por Cartago, buscarem expandir-se rumo ao oriente.

Vitórias nas três guerras da Macedônia, na guerra da Síria e a anexação da Grécia e da Ásia são os principais eventos que sinalizam o processo expansionista rumo ao oriente. A hegemonia latina na região pode ser percebida com a cessão de dois reinos a Roma: uma feita por Ptolomeu, o Jovem, cedendo Cirene; outra, por Átalo III, cedendo Pérgamo.

O mapa político da *Vrbs*, tendo como base o tempo de César, já está quase totalmente delineado. Restam apenas as conquistas ao norte da península itálica e a anexação da península ibérica. A primeira foi totalmente incorporada à civilização romana na primeira metade do século II antes de Cristo, por meio de um importante processo de romanização da região, fundamentado em obras de alcance público as quais englobavam o desbravamento de florestas, a construções de dutos de água e de estradas. A segunda, após difíceis batalhas, foi incluída aos limites de Roma em 133 a.C., por Cipião Emiliano. De valor estratégico, aquela anexação permitiu aos latinos dominar grandes jazidas de minério da área bem como desfrutar de importante posicionamento geográfico, o qual impediria qualquer possibilidade de retorno da ameaça cartaginesa e descortinaria aos olhos dos romanos a possibilidade de expandir-se também para as regiões centrais da Europa, com a posterior soberania sobre toda a Gália. Em um primeiro momento, contudo, as forças romanas cuidaram de tentar criar um corredor de comunicação entre

a península ibérica e a península itálica. Para tanto, sem qualquer oposição de Marselha, cidade sob influência romana, são feitas campanhas contra dois povos celtas: os alóbroges e os avernos. O sucesso contra ambos permitiu às forças de Roma estenderem-se a territórios entre os Alpes e os Pirineus, cujo centro comercial era a própria cidade de Marselha. Posteriormente, com a fundação de *Aquae Sextae* e a colonização de Narbo, antiga capital dos celtas, originou-se a província romana da Gália Narbonense.

A dilatação dos limites do poderio romano trouxe diversas consequências em inúmeros aspectos. No campo das artes, a penetração do helenismo favoreceu avanços na literatura, no Direito, na arquitetura e na religião. Observam-se também grandes transformações de ordem econômica e social. O acúmulo de riquezas vindas das áreas conquistadas provoca a intensificação das desigualdades sociais, sobretudo porque o aumento da mão de obra escrava causa grande impacto na vida dos camponeses e lhes oprime na estrutura econômico-social da cidade. Tem-se o surgimento de grandes latifúndios, explorados pelos ricos com trabalho preferencialmente servil, associado ao massacre das populações pobres, em virtude das incontáveis guerras. Politicamente, o senado usufrui de um imenso prestígio e goza de grande poder. Porém, o imenso desequilíbrio social, causado principalmente pela questão latifundiária, torna-se o inimigo da estabilidade interna em Roma. As reformas propostas pelos irmãos Graco, a tentativa de reforma agrária é a mais marcante, aparecem como alternativa aos graves problemas enfrentados pelos *populares* e fazem intensificarem-se o embate entre estes e os *optimates*. A morte dos dois, contudo, finaliza uma série de vitórias da plebe.

A guerra contra Jugurta reacende a disputa entre as duas classes políticas. Nesse contexto, o povo, combalido pelas batalhas e pela opressão dos mais ricos, aliado à classe equestre, que teve milhares de *negotiatores* massacrados na Ásia pelas tropas daquele rei da Numídia, elege cônsul Mário, que consegue derrotá-lo e aprisioná-lo. É sob seu poder que as legiões se profissionalizam, pois se torna possível fazer carreira no exército e não mais o ingresso no serviço militar é feito apenas por cidadãos em condições de financiá-lo.⁵ Essa medida provoca transformações profundas no quadro

⁵ MENDONÇA, Antônio da Silveira. *Bellum Civile – A Guerra Civil*, página 20

econômico, político e social da cidade. Com a possibilidade de ascensão social em função da destreza militar demonstrada, os legionários estarão a serviço de seus comandantes e lhes devotarão, com frequência, mais fidelidade do que ao próprio Estado. Isso favorecerá a eclosão de guerras civis que decretarão o fim do regime republicano.

Eleito cônsul pela sexta vez em 100 a.C. após garantir a defesa da província Narbonense, com a vitória definitiva sobre teutões e cimbrós, que haviam invadido a região em busca de terras, fugidos de um forte terremoto seguido de maremoto, Mário atinge o ápice de seu prestígio. Há um período de ligeira tranquilidade, que decai alguns anos depois com a Guerra dos Aliados, também chamada de Guerra Social ou Guerra Mársica. Ocorrido entre os anos de 91 e 88 a.C., o conflito pôs em choque a força de povos da península itálica, desejosos de obter a cidadania romana, e a República. Roma consegue debelar a revolta após intensos massacres, porém vê a necessidade de adotar uma política mais liberal de concessão de cidadania, a fim de afastar novos conflitos.

O *imperium* do Senado agora se estende a ex-escravos e a indivíduos sem uma identidade de pátria definida, transformados em cidadãos, os quais favorecem o revigoramento do partido popular. Novas dissensões políticas se fazem presentes e, associadas a uma ameaça ao poderio romano no Oriente, devido à revolta liderada pelo rei do Ponto, Mitridates, sinalizam o surgimento de mais um delicado período da história romana.

Após ter articulado politicamente a destituição de Sila do comando das tropas no Oriente, Mário foi perseguido por ele, que havia posto seu exército para marchar sobre Roma, e se refugiou na África. Sila, por sua vez, depois de desarticular seus adversários, parte para o Oriente. Ao conter Mitridates, que ambicionava formar um novo império na região e destituir os príncipes orientais apoiados por Roma, reestabelece o prestígio romano naquela província; todavia, o anseio de voltar à Cidade para disputar o poder faz com que não imponha duras penas aos revoltosos. A esse tempo, Mário havia conseguido eleger-se cônsul pela sétima vez. Sua morte no início de seu consulado não fragmentou, porém, a ação de seus partidários, os quais ainda dominavam a Itália e as províncias ocidentais. O triunfo sobre eles permite a Sila regressar à *Vrbs* soberanamente. Amparado por partidários aristocráticos, faz-se ditador e

inicia um período de terror na história romana, com assassinios e expropriações numerosos, sobretudo dos correligionários de Mário, o qual teve seus troféus derrubados.

Após a renúncia de Sila, em 79 a.C., e a sua morte no ano seguinte, Roma assiste à ereção no cenário político de duas figuras que haviam demonstrado grande valor, por causa de seus feitos militares e alinhamento político com os *populares*. Trata-se de Crasso e de Pompeu, eleitos cônsules em 70 a.C., os quais formariam com César o primeiro triunvirato, anos depois.

Crasso, homem de grandes fortunas, atingiu o ápice de sua honra ao desbaratar uma perigosa revolta de escravos e gladiadores liderados por Espártaco, em 71 a.C., enquanto Pompeu, tendo obtido um comando na Hispânia, notabilizou-se por derrotar, em 72 a.C. as tropas de Sertório, partidário de Mário, naquela província. A partir de um pacto de colaboração mútua, ambos tornaram-se cônsules. Nos anos seguintes, Pompeu alcança imenso prestígio e poder em Roma, em virtude dos inúmeros sucessos em expedições para combater a pirataria no Mediterrâneo e para suplantar definitivamente Mitridates na Ásia. Ao obter o comando supremo das tropas no Oriente, não só vence o rei do Ponto mas também expande consideravelmente os domínios, o poderio e a influência do Estado-império na região.

Em 60 a.C., César alia-se à dupla estrategicamente e consegue eleger-se cônsul no ano seguinte. Pompeu desfrutava de uma posição de destaque no cenário político, e Crasso, no cenário econômico. Apesar de ter demonstrado seu valor outrora, tendo logrado êxito em assuntos militares e administrativos na Hispânia, César ainda ocupava um lugar em segundo plano no cenário político da Cidade. A aliança, portanto, mostrava-se extremamente vantajosa e consistia em um pacto, sem natureza jurídico-legal, segundo o qual os três estariam no poder. Para ratificar a união, César dá sua filha Júlia em casamento a Pompeu e, após o fim de seu consulado, obtém o governo por cinco anos da Gália Cisalpina e da Ilíria. Em 56 a.C., em uma conferência na cidade de Lucca, os três reafirmam a validade da aliança, o que favorece a eleição de Crasso e de Pompeu para o consulado em 55 a.C. e permite que os poderes de César na Gália se prolonguem por mais cinco anos. Ao fim do exercício do cargo, os dois obtêm, respectivamente, os governos da Síria e da Hispânia.

Quis a Fortuna, porém, que a fugacidade agisse sobre a ambiciosa aliança, formada anos antes. A morte de Júlia, principal elo entre César e Pompeu, em 54 a. C., somada à de Crasso, um ano depois, culminou com o esfriamento da relação entre os dois maiores personagens de Roma daquela época. O contexto político é de tensão, devido a lutas armadas entre os grupos de Clódio, candidato a pretor, e os grupos de Milon, candidato a cônsul. O agravamento da situação, sobretudo com o assassinato daquele, leva, em 52 a.C., o Senado a nomear cônsul único Pompeu, que não saíra de Roma e deixara a província da Hispânia sob a administração de seus legados. Nesse ínterim, César já havia conquistado totalmente a Gália e era o único que poderia impedir a concretização do desejo pompeiano de se tornar o único senhor de toda a Roma.

No tempo de César, então, tem-se uma Cidade-estado que se transformou em um Estado-império ao longo de aproximadamente sete séculos, devido ao engenho de seus cidadãos e à sua obstinação frente aos incontáveis desafios que se lhes interpuseram no decorrer dessa magnífica jornada. Tem-se, ainda, um sistema político e econômico conturbado, pautado na ambição pelo poder soberano e pela pressão social sobre os *populares*, os quais, em sua maioria, possuem como plataforma de ascensão social apenas a dedicação à carreira militar. As ações de César ante esses problemas, os quais fizeram agonizante o regime republicano, destacam o desejo de tornar-se o primeiro cidadão de Roma e atestam a existência de um projeto político, latente na obra *Commentarii de Bellum Ciuile*, porém descortinável já em *Commentarii de Bello Gallico*. Nestes, parece que o general-autor se coloca como um missionário romano incumbido de disseminar o *cultus* e a *humanitas* para as regiões e para os povos mais afastados da península itálica. Ademais, ao narrar os grandiosos feitos empreendidos para submeter os inimigos, viabiliza o entendimento de que é a figura da qual Roma precisa para não perecer e ver ruir tudo o que conquistou com tanta dificuldade ao longo de sua história. De fato, ao memoriar o sucesso alcançado em sua empreitada, César permite que seja incontestado a sua habilidade como general e também como estadista. A riqueza alcançada com as vitórias e a gradativa fidelidade do seu exército constituem imprescindíveis elementos para a concretização dos anseios políticos cesáreos.

Dessa forma, quando o Senado convoca o seu retorno a Roma sem seus exércitos, o general exige igualdade de tratamento em relação a Pompeu, o qual não fora obrigado a proceder do mesmo modo. Considerado inimigo da República diante da recusa feita, César atravessa o rio Rubicão, na fronteira da Gália Cisalpina com a península, em 49 a.C., e dá início à guerra civil.

A posterior vitória de César no conflito determina a concretização de seu projeto político, uma vez que o inigualável personagem histórico tornou-se, enfim, Senhor de toda a Roma. Entretanto, provavelmente esse patamar em seu *Cursus Honorum* não seria alcançado se os seus ideais e os seus sonhos não estivessem pautados em um profundo conhecimento da história de seu povo e em um louvável respeito por ela. Realmente, um cidadão da envergadura de César deveria lutar insistentemente para elevar sua *dignitas* e prezar para que esta não fosse de algum modo atingida. Isso está na essência de um verdadeiro romano. Além disso, um genuíno cidadão tinha o dever moral de respeitar e cultuar os antepassados. Em *Commentarii de Bello Gallico*, percebe-se o cuidado de estar em harmonia com os preceitos dignos de louvor pelos romanos. Há, pontualmente, referência à grandeza da Cidade e às ações dos predecessores que permitiram a Roma atingir a posição de soberania da qual já desfrutava à época cesárea.

Assim, com uma obra que demonstra respeito às raízes históricas romanas e que por diversas vezes as ressalta e as cultua, César conseguiu encaminhar a realização de seu projeto político e legar para a posteridade a importância de pautar-se em valores distintivos de um povo para alcançar a glória eterna.

3.2. Bases Culturais

Para a concretização de seu projeto político, escamoteado na obra estudada, César vale-se de referências a valores caríssimos a seu povo. O objetivo parece ser angariar a simpatia popular e lançar-se como inquestionável líder da difusão da cultura romana no mundo antigo.

Nesse sentido, é pertinente analisar alguns daqueles valores e os seus desdobramentos no texto cesariano, de modo a compreender mais precisamente essa estratégia fundamental do projeto político em questão.

O primeiro valor moral a ser destacado é a *fides*, a qual, diferentemente de muitos outros princípios, não possui uma raiz ideológica grega. Na verdade, sua essência romana é de certa maneira um adereço para definir e caracterizar com exatidão esse povo. É com base na *fides*, por exemplo, que se iniciam as escaramuças entre romanos e helvécios nos primeiros momentos da Guerra da Gália. Para defender seus aliados, a quem dera o juramento de proteção e apoio, Roma, representada por César, inicia o conflito. Assim, é o compromisso firmado com o outro, sob uma aliança forte e inabalável, que representa tal valor. A sua extrema importância é ratificada por Cícero em *Dos Deveres*: “O Senado era o porto de abrigo de reis, povos e nações, e os nossos magistrados e generais ansiavam por obter um único título de glória, o de terem defendido as províncias e os aliados com justiça e *fides*.”⁶ Para estudiosos, é a *fides* uma das razões que permite aos romanos reunir de maneira tão impressionante tantos inúmeros povos sob a sua tutela. Sendo, portanto, um elemento tão fundamental à essência romana, reconhecido e cultuado pelos distintos cidadãos, não é de causar estranhamento a ênfase a ele no texto de César. Uma condição indispensável para o exercício do papel de líder e condutor de um Estado da magnitude de Roma era o respeito e a exaltação àquele emblemático valor. Isso o general não apenas faz como também demonstra tê-lo feito ao narrar as suas empresas durante as batalhas nas regiões gaulesas. Suas ações estão vinculadas necessariamente ao juízo que se faz dos romanos, conforme indicam as palavras de Políbio, de que esse é o povo que “respeita o seu dever pela própria fidelidade decorrente do seu juramento”.⁷ É igualmente natural entender tamanha obediência de César àquele valor, haja vista suas implicações morais, políticas e jurídicas. Quanto ao aspecto moral, cabe ressaltar a fé nos juramentos, a garantia e o compromisso. Sob o prisma político, o comprometimento entre as partes envolvidas, ou seja, a tutela estipulada, sobreleva-se. Finalmente, sob o olhar jurídico, como ilustração, vejam-se as palavras de Cícero, em *Dos Deveres*: “O Senado era o porto de abrigo de reis, povos e nações, e os nossos magistrados e generais ansiavam por obter um único título de glória, o de

⁶ *Dos Deveres* II.8.26 e 28 (*Res Romanae*, p.45)

⁷ *Ibidem*

terem defendido as províncias e os aliados com justiça e com *fides*”⁸. Na sequência, ao tratar de um possível desleixo pela *fides*, sentencia: “Somos castigados com razão”.⁹

Entretanto, César não desvincula de suas ações e de seu exercício da *fides* outro importante valor romano: a *pietas*.

Base do dever necessário entre um homem e sua família, inicialmente, e, por ampliação, entre um homem e sua pátria, a *pietas* é também um ornamento moral essencialmente romano. Leia-se, para melhor explicitá-la, uma passagem ciceroniana: “Tal como o teu avô aqui presente, tal como eu, que te gerei, Cipião, cultiva a justiça e a *pietas*, que, devendo ser grande para com os parentes e aderentes, maior ainda deve ser para com a pátria”.¹⁰ É por exercício da *pietas* que Otávio persegue os assassinos de César, algo que destaca a raiz familiar desse valor. Por outro lado, a apropriação feita pelos romanos da lenda de Eneias, o qual tinha como principal atributo ser *pius*, reitera a raiz cívica daquele princípio. A construção, anos mais tarde, de um texto épico cujo alicerce é a *pietas*, celebrada com a ação de Júpiter de conceder aos Romanos, como apanágio, aquela excelsa virtude, eterniza um povo que se tornou referência para a humanidade por causa de sua singular obediência a deveres de um cidadão verdadeiramente comprometido com a coletividade à qual pertence. A lenda de Enéias e a crença na *pietas* como um compromisso com os deuses, com a pátria e com a família possibilitam a convicção dos romanos de que têm uma missão, de que foram escolhidos pelos deuses para empreender o processo de humanização do mundo antigo. O uso desse ideal missionário por César é recorrente em *De Bello Gallico*, sobretudo no modo como se refere a povos afastados da província. Dessa forma, o relevo dado àquele ideal, fundado na *pietas*, configura um produtivo recurso para a execução dos anseios políticos do autor, sobretudo porque se acha cumulada a outras ideias morais agradáveis aos romanos. É válido marcar ainda que o general demonstra verdadeiro dever com a pátria e com a família. O esforço gigantesco dispensado para pacificar a Gália e o

⁸ *Dos Deveres*: II. 8.26 e 28 (*Res Romanae*, p. 45)

⁹ *Ibidem*

¹⁰ *A República*: VI.16 (*Res Romanae*, p.31)

restabelecimento dos troféus de Mário, derrubados por Sila, quando se torna, enfim, o primeiro homem de Roma, parecem comprovar isso.

Por fim, sobre o alcance de tão nobre virtude, não se deve esquecer o modo como está eternizada no Canto VI da Eneida por meio da referência ao padecimento no Tártaro daqueles que ofenderam não apenas esse sentimento mas também a elementar *fides*. Além disso, o seu distanciamento em relação à glória pessoal, por se tratar do cumprimento de um dever do indivíduo para com os deuses, a pátria e a família, configura um ideal missionário, o que está sugerido no passo a passo de César dentro da obra analisada.

Conjugada àquele célebre valor está a *gloria*, que tem por objetivo o alcance do reconhecimento dos homens de bem. De certo, esse era um dos fins a que se propôs César ao longo de seu *Cursus Honorum*. A sua vida política parece ter estado pautada pelo anseio de louvor público quanto a suas qualidades de cidadão. Cícero, nas *Filípicas* I. 1229, define a *gloria* como “A fama pelos atos bons e grandes serviços para com a *res publica*, que se comprovam, quer pelo testemunho dos homens notáveis, quer pelo da multidão.”. Esse valor, portanto, parece ser o norteador dos planos cesáreos, tendo em vista a essência política e social que o caracteriza e as implicações positivas de quando é alcançado a serviço da *res publica*, pois está associado à ovação e, principalmente, ao triunfo. Além disso, não está rasamente associado à fama, pois enquanto esta se liga essencialmente à reputação, ao que se diz de uma pessoa ou coisa, a *gloria* consiste em falar correntemente de alguém com louvor.¹¹

Para alcançá-la, no entanto, é necessário que se haja estabelecido a *honor*, valor de matiz marcadamente político e também com implicações na esfera social. Por meio da *honor*, um homem buscava o reconhecimento público de suas virtudes. Pode-se dizer que a finalidade era a publicidade da virtuosidade de um indivíduo. Assim, além de *gravitas*, a qual se refere a uma conduta ilibada, era fundamental a proclamação de uma postura tida como exemplar. Atesta-se, com isso, a aproximação entre *honor* e *gloria*. Contudo, não se deve confundi-las. Enquanto a primeira restringe-se ao campo da probidade, da qualidade de um homem honesto, a segunda amplifica-se e diz

¹¹ KNOCHE, U. *Vom Selbstverständnis der Römer*, páginas 25-27.

respeito a um homem grandioso, realizador de grandes feitos, sobretudo aqueles em benefício da *res publica*.

A este ponto, torna-se produtivo destacar a noção de *dignitas*, bastante próxima da de *honor*. Sedimentada basicamente na esfera política, possui envolvimento com o exercício de cargos nobres na república. Para compreender melhor o seu alcance, é preciso ater-se ao esforço empreendido pelo romano para sobrelevar a sua *dignitas*.

Os historiadores modernos nos lembram que para um romano aristocrata era uma obrigação e ponto de honra esforçar-se por manter e intensificar a própria *dignitas*, defendendo-a contra ataques dos que viessem a contestá-la. (MENDONÇA, 1999, p. 23)

Dessa forma, nota-se que a *dignitas* tem relações com o prestígio, com a reputação do indivíduo. Um cidadão nobre deve criar para si uma imagem que corresponda a de um verdadeiro romano, o qual seja cumpridor de seus deveres e desejoso de alcançar os mais altos graus em seu *Cursus Honorum*. Nesse sentido, é inevitável associar a essência dessa noção a Júlio César. A trajetória do estadista demonstra uma preocupação pulsante com o fortalecimento e com a dilatação de sua *dignitas*, tendo sido esta, ao que parece, a mola-mestra de seu percurso. Ademais, além de motivação, foi usada como justificativa para a guerra contra Pompeu. É em defesa de sua *dignitas* que o grande general exorta suas tropas à batalha.

Na sua fala à tropa, ele a exorta a defender a honra (*dignitas*) e o prestígio (*existimatio*) de seu comandante sob cuja direção vitoriosa obtivera inúmeros êxitos militares e pacificara a Gália e a Germânia. (MENDONÇA, 1999, p.22)

A excessiva apreciação da *dignitas* pelo general é encontrada em sua outra importante obra, *Commentarii de Bello Ciuile*. No trecho: “*Sibi semper primam fuisse dignitatem uitaque potioem. (...)*”¹² – Para si, a *dignitas* sempre fora primordial e mais importante do que a vida. – está documentado o imenso cuidado tido com esse grande valor, marco cultural romano. O orador Cícero vem confirmá-lo em uma de suas epístolas: “E tudo isso ele diz fazer por amor da *dignitas*”.¹³

Ao analisar, portanto, as bases para as ações de César narradas em suas duas mais importantes obras, é possível perceber a distinção dada à *fides*

¹² CAESAR, *Commentarii de Bello Ciuile (I-9.2)*, in: Mendonça, Antônio da Silveira. *Bellum Ciuile – A Guerra Civil*, página 52.

¹³ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*, página 340.

e à *dignitas*, dois excelsos valores e elementos culturais romanos, algo que se perceberá rotineiro quando está em discussão um atributo dileto para esse povo. Em *Commentarii de Bello Gallico*, a primeira é a razão aparente para alegar o ingresso de César na Guerra da Gália; em *Commentarii de Bello Ciuile*, atribuem-se a *dignitas* a invasão à *Vrbs* e o conseqüente início da Guerra Civil. Destarte, parece pertinente refletir se o uso daqueles dois valores como argumento para esses livros não constituiria uma estratégia marcadamente política adotada pelo estadista. Como resultado, o objetivo seria, a partir de elementos cruciais à composição de um grande cidadão romano, justificar e enaltecer suas ações, angariar simpatizantes e acentuar o respeito alcançado.

A este ponto, é necessário pensar também o papel da *auctoritas*, conceito genuinamente romano em virtude da ausência de um equivalente exato em grego. A noção vinculada a tal conceito é de natureza intrínseca e se desdobra por meio do peso da pessoa ou da corporação que toma uma determinada decisão. Com isso, deduz-se que sua implicação é de natureza política e moral, o que a associa a *dignitas* e confere ao seu detentor um prestígio capaz de conduzir hordas inteiras a uma dada direção. Na obra *Dos poderes de Gneu Pompeu*, Cícero demonstra o valor da *auctoritas* ao tratar das ações de Pompeu para conter os avanços de Mitridates e de Tigranes na Ásia: “E já que a *auctoritas* vale muito também na direção da guerra e no comando militar, não é certamente duvidoso para ninguém que este general é quem mais pode na matéria.”. Assim, entende-se também que esse valor está agregado a elementos inerentes ao indivíduo, como a destreza e o talento, por exemplo. Do mesmo modo que se pôde associá-lo ao general Pompeu, é naturalmente possível conferi-lo a César. São diversos os recortes cênicos nos quais a figura cesárea distingue-se na avaliação dos inimigos e se lhes interpõe à marcha. Então, o peso e, conseqüentemente, o respeito existentes pavimentam os caminhos rumo às mais diversas vitórias e às mais nobres conquistas.

Outrossim, ao rememorar a personalidade do vencedor da guerra gaulesa, é requisito primordial a abordagem de um importante conceito: a *virtus*. De natureza complexa, devido à simbiose greco-romana que a constitui, encontra-se ordinariamente associada a *honor*. É válido referir que ambas possuíam um templo dedicado a seu culto desde a Segunda Guerra Púnica e

estavam representadas em moedas romanas. Entretanto, Karl Büchner esclarece que enquanto esta é exterior, aquela é interior a quem a possui.¹⁴ Além disso, a consagração a *virtus*, atestada pela sua presença no escudo de ouro do príncipe Augusto e no Arco de Tito, demonstra que o romano a sentia como um valor fundamental ao seu povo.

Comungado com a sua correspondente grega, a *aretê*, aquele distinto elemento para os romanos sofre um processo de evolução em seu significado ao longo do tempo, sob influência da noção helênica. Assim, incorpora acepções relativas ao campo das ações bélicas, ao das qualidades de caráter, ao uso ajustado da palavra e ao uso literal de “virtude”, como a entendemos modernamente. Contudo, a noção de excelência, relativa ao cumprimento do propósito ou da função à qual o indivíduo se destina, parece bastante profícua quando associada a César bem como, naturalmente, a ideia de força, coragem e valentia, no que tange ao enfrentamento de adversidades. Do mesmo modo, parece bastante acurado o tratamento que lhe é dado por Lucílio em um fragmento apontado por Maria Helena da Rocha Pereira.

Virtus, Albino, é atribuir o verdadeiro preço às coisas no meio das quais nos encontramos, com quem vivemos;
virtus é para um homem saber o valor de cada coisa,
virtus é saber o que para o homem é recto, o que é útil, honesto, o que é bom, como o que é mau, o que é inútil, feio, desonesto;
virtus é saber marcar o termo e medida ao ganho,
virtus é ser capaz de fixar o valor das riquezas,
virtus é dar aquilo que por si só é devido à honra, ser adversário e inimigo dos homens de costumes maus, e, ao invés, defensor dos homens de costumes bons, a estes prezá-los, a estes querer-lhes bem, ser seu amigo; e, além disso, pôr em primeiro lugar o bem da pátria, em segundo o dos pais, e, em terceiro e último, o nosso. (PEREIRA, 2002, p. 398)

De tradição aristocrática, por estabelecer como ordem de prioridades primeiro a *res publica*, depois a família e por último o indivíduo, o dístico final condensa o pensamento vigente entre os cidadãos que almejavam vencer os principais obstáculos até obter notoriedade no cenário político romano. Assim, ao ponderar os feitos de César em batalhas da guerra gaulesa e ao considerar os principais pontos de seu projeto político, depreende-se que a *virtus* é mais um valor romano o qual o general esmera-se fortemente em demonstrar, tal como o faz em relação à *fides*, à *pietas* e à *dignitas*; isso porque os pontos

¹⁴ *Altrömische und horazische Virtus*, in: *Römische Wertbegriffe*, apud PEREIRA, 2002, página 381.

frisados por Lucílio sintetizam a trajetória cesariana, a qual parece ter sido pautada pelo cuidado em preservar-se em um caminho que o imortalizasse na honra e na glória e em afastar-se daquele que o destinasse a uma atuação secundária ou ofuscada dentro do jogo político, econômico e social de Roma, ainda que, para tanto, fosse necessária a execução de táticas as quais viessem a ser questionadas por seus pares.

Outros importantes valores férteis no campo de associações a César os quais requerem avaliação são a *clementia* e a *grauitas*. Quanto a esta, entende-se que corresponde ao comportamento de um homem público investido de *dignitas*. Envolvida em uma áurea que engloba a austeridade, a retidão, o pleno domínio das faculdades de um ser e o exemplo de postura, a *grauitas* culmina por ser o ideal esperado de um político romano, sendo, portanto, na esfera política que possui maior relevância. Identificada como uma virtude nacional por Cícero no discurso em defesa de Séstio, percebe-se estar em oposição à *levitas* dos gregos. Quanto à *clementia*, reconhece-se estar intrínseca a distintos personagens da história romana. Por isso, figura entre as qualidades que sustentava a *auctoritas* augustana e está inevitavelmente ligada a César, em honra de quem se erigiu um templo dedicado à *Clementia Caesaris*. Atributo dotado de cunho estratégico, sobretudo em situações de conflitos armados, pode ser usado para fins de propaganda, devido à possibilidade de angariar a simpatia do povo. Nesse aspecto, valeu-se César de sua *clementia* para tornar-se ditador e para consagrar-se em Roma. Em virtude desse nobre predicado, ao comandante foram conferidas por Salústio a mansidão, a misericórdia e a capacidade de dar e de perdoar. A clemência cesárea foi também eternizada e reconhecida por Cícero em um de seus mais célebres discursos, em defesa de Marcelo.

Tamanha mansidão, *clementia* tão inusitada e inaudita, tamanho comedimento para quem está no cume do poder absoluto, uma sensatez, finalmente, tão incrível e quase divina, não posso passá-la em silêncio (...). E assim, Gaio César, os louvores dos teus feitos bélicos serão certamente celebrados, não só em nossa literatura, mas na literatura e língua de quase todos os povos, e jamais época alguma calará os teus louvores. (*Defesa de Marcelo*, 1.1; 3.9, *apud* PEREIRA, 2002, p. 359, 360)

Assim, vislumbra-se o importante cerne político que constitui esse ilustre apanágio romano e que serviu como base para a relação junto aos povos dominados. Grandes imperadores utilizaram-se da *clementia* para manter a

popularidade e para garantir a governabilidade. Isso pode ser observado ao se analisarem vultos como César, Augusto e Nero e é atestado por Sêneca, em Da Clemência, ao sentenciar que a *clementia* acrescenta a honra e a segurança dos imperantes, funciona como ornamento dos impérios e garante a sua salvaguarda, o que a torna, portanto, honrosa para um governante.¹⁵

Por fim, no que tange à observância dos valores romanos que perpassam pelo projeto político de César, é primordial abordar o *Mos maiorum*. Sabe-se que este corresponde ao conjunto de costumes e tradições dos antepassados e que serve de fundamento para o modo de vida dos romanos. Ênio indicou que o Estado Romano se apoiava nos costumes e nos varões antigos. Assim sendo, é patente a crença de que a glória de Roma se assentava na observância daqueles costumes e de que a educação de qualquer nobre cidadão deveria estar pautada em um padrão de conduta dirigido pela *virtus*, pela *dignitas*, pela *gloria*, associada à *fides* e à *honor*, e pela *grauitas*. Além disso, um bom cidadão era detentor da *clementia* e da *sapientia*, para que seus julgamentos não fossem guiados excessivamente pela emoção e para que a indulgência regesse a aplicação de castigos.

O *Mos maiorum* representava a conjunção de elementos que favoreciam a existência de uma sociedade equilibrada, direcionada por uma forma de governo mais moderada. Esse *éthos* foi associado ao período áureo republicano de Roma e esteve em contraste com uma aparente decadência de costumes no primeiro século do regime imperial. De qualquer modo, pressupunha-se o costume dos antepassados ser uma ética orientadora dos aristocratas a qual legitimava e disciplinava suas ações bem como orientava as práticas políticas e religiosas no Estado. Paschoud, no contexto do século IV da era cristã, sinaliza que o respeito aos antepassados era o coração da identidade pagã, devido ao hábito herdado de celebrar ritos para garantir a perenidade do Estado.¹⁶ Isso evidencia a sobrevivência desse conceito através dos tempos e ratifica a sua importância para os romanos. A valorização a ele dada está presente nas obras dos mais cultuados autores latinos. Como

¹⁵ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*, página 363.

¹⁶ PASCHOUD, F. Les étapes d'une perte d'identité : les défenseurs du paganisme officiel face au naufrage de leur monde (312-410). In : BARZANO, A. ; BEARZOT, C. Et al. Identità e valori fattori di aggregazione e fattori di crisi nell'esperienza política antica. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2001. p. 236.

recurso ilustrativo, segue-se uma análise salustiana em *Da Conjuração de Catilina*, destacada por Maria Helena da Rocha Pereira.

Na paz e na guerra, cultivavam-se os bons costumes; a concórdia era máxima, e mínima a avareza; entre eles, o direito e o bem não valiam mais pela força das leis do que pela natureza: disputas, discórdias, rixas, exercitavam-nas com os inimigos; os cidadãos lutavam uns com os outros em valor; nas ações de graças aos deuses eram magníficos, parcos em casa, leais para com os amigos. Com estas duas qualidades, a audácia na guerra, a justiça, quando a paz sobrevinha, cuidavam de si e do Estado. (PEREIRA, 2002, p. 348)

Aproximar todos os aspectos ligados ao *Mos maiorum* da ação política de César permite conjecturar a existência de uma estratégia para angariar a simpatia dos romanos, algo que auxiliaria na conquista do maior objetivo daquele poderoso ícone: consolidar-se como grande senhor de toda a Roma. Logo, é natural que haja ao longo da obra estudada referências àqueles costumes, pois a posição social desfrutada pelo autor exige a demonstração de respeito e de ações práticas coerentes com aquilo que os seus concidadãos consideravam adequado a um indivíduo desejoso de ser reconhecido como verdadeiro líder, apto a guiar uma cidade-império da importância de Roma, a qual àquela época, já se assenhorava de todo o mundo.

Igualmente, estruturar uma obra em que se narram grandes feitos, os quais culminaram com expansões fundamentais para o crescimento e para o prestígio experimentado por Roma no I século antes da era cristã, parece configurar uma produtiva ação propagandista empreendida pelo autor. Por isso, faz-se imperioso tratar de aspectos ligados à autopromoção de César na obra *Commentarii de Bello Gallico*.

3.3. O discurso propagandista de César

Ao longo da história, diversos estudiosos dedicaram-se à tarefa de analisar os *commentarii* de César a fim de traçar um perfil das obras, elencá-las em um determinado gênero e, sobretudo, relacioná-las a um propósito de honorificência de seu autor. Houve também aqueles que buscaram apontar possíveis falhas históricas em seus relatos, os quais, para alguns, pertenceriam a um estilo literário menor, carente de vigor estilístico e pobre artisticamente. Contudo, é crucial inseri-los em seu contexto de produção, a qual está intimamente imbricada a caracteres políticos, como, igualmente, associá-los à

jornada de vida de seu genitor. De modo oportuno, sobrevêm as palavras de Jacques Gaillard:

O título *Commentarius* não é, assim, totalmente despropositado, na medida em que os dois textos se destinam a trazer César como uma boa lembrança junto da opinião romana. O que é, evidentemente, um gesto de propaganda, embora levada a cabo com uma fabulosa habilidade, já que, como disse um investigador moderno, em César a deformação histórica se assemelha a uma arte. Tudo se joga no nível dos pormenores, da maneira de dizer e de contar, sob o verniz impecável de um estilo frio e impassível. É em vão que procuramos nestas obras o mais ínfimo passo evitado de sectarismo, o mais leve erguer de voz, a mais insignificante profissão de fé: César cria para si mesmo uma legitimidade pessoal fundamentada na serena autoridade de um “homem de situação” que avalia rigorosamente quanto um livro bem feito pode impor uma imagem de marca bem concebida. (GAILLARD, 1992, p.77)

As considerações feitas por Gaillard indicam o viés personalista da obra, dotado de estratégicas marcas propagandistas, as quais buscam cravejar a figura de César na vida cotidiana e na memória dos romanos. Embora essencialmente vistos como meros informes de feitos com intenções documentais, os *commentarii* metamorfoseiam-se com o engenho virtuoso do general, em razão da natureza política que lhes revigora. Desse modo, aquilo que seria originalmente árido em estilo revela-se fértil ao apelar para elementos históricos e culturais agradáveis aos seus compatriotas; aquilo que seria primitivamente burocrático e sucinto apresenta-se singular e lúcido ao ser construído em 3ª pessoa para fazer referência ao próprio narrador e personagem das façanhas expostas. Com isso, conquista-se com menos dificuldade a simpatia do povo e se trabalha no fortalecimento de um apanágio por todos estimado: a *dignitas*, conforme apontam Kenney e Clausen:

La publicación de los *Commentarii* estaba calculada para apoyar su demanda de gratitud a sus concidanos y mostrar su *dignitas*, la cualidad romana de la hazaña que merece reconocimiento de su gran realización. Como hizo el *Agricola* de Tácito, también apelaría a la imaginación de un público educado, fascinado por lo remoto y desconocido, como era la Galia. (KENNEY et CLAUSEN, 1982, p. 316)

O matiz político, portanto, engendra a produção literária de César, especialmente os Comentários, segundo se pôde observar a partir do que foi discutido ao longo deste trabalho. Admite-se, de modo complementar, que o traço propagandista é um importante recurso para o processo de autopromoção do autor, a qual funciona como um dos pilares do seu projeto. Nesse sentido, parece adequado refletir acerca dos elementos que permitem a sobrelevação do personagem central daqueles relatos, tendo em vista ser esse o mecanismo que alimenta a propaganda em torno de si. Assim, é possível

conceber mais criticamente a sua escolha pelo governo das Gálias, por exemplo. Com efeito, assenhorar-se de uma região que mexia com o imaginário popular e onde, quarenta anos antes, seu tio, Caio Mário, triunfara contra celtas e germânicos configura um estratagema magnífico. O restabelecimento dos troféus comemorativos daquelas vitórias sinalizavam a intenção de evocar sentimentos de simpatia à sua figura e consolidavam seu desejo de ser um novo Mário, porém com maior poder e com prerrogativas maiores. Comandar a Gália, então, caracteriza uma medida dotada de marketing político, pois tem por objetivo difundir, sob aspecto favorável, a imagem do general. Segundo Luciano Canfora, “a escolha da Gália era uma escolha, acima de tudo, de imagem hábil e eficaz. Uma evocação do “melhor” Mário, patrimônio de todo o “povo romano”¹⁷ e está associada a uma relação frutífera de César com as populações da Gália Transpadana, por quem já havia intercedido em favor da concessão do direito de cidadania romana.

Com igual propósito de engrandecer sua figura, o futuro ditador recorre à dignificação de seus próprios feitos em batalha e, pontualmente, enaltece o vigor de seus inimigos campais. Outra ação também de caráter publicitário consiste na hábil narração sobre as campanhas realizadas na Britânia, região até então ignorada pelos romanos. Segundo estudiosos, a deformação realizada nos relatórios sobre essas expedições pretendia alinhar o sucesso lá obtido àquele experimentado por Pompeu no Oriente. A preocupação quanto ao prestígio junto à opinião pública em Roma e na Itália seria o combustível para o cumprimento de uma operação militar tão ousada e perigosa. Há, porém, pesquisadores que duvidam de seu verdadeiro sucesso, porquanto não existem registros de que destacamentos militares foram deixados naquela região ou de que os tributos imputados tenham sido alguma vez pagos.¹⁸ Por fim, o audacioso exercício cesáreo, o qual foi documentado por Tácito, possibilitou a efetiva dominação latina que ocorreria cerca de cem anos mais tarde:

“(…) de fato, o deificado Júlio César foi o primeiro romano que penetrou na Britânia à frente dum exército: estabeleceu relações com os nativos após derrotá-los na batalha e tornou-se dono da costa e pode ser

¹⁷ CANFORA, Luciano. *Júlio César: o ditador democrático*, página 124.

¹⁸ CANFORA, Luciano. *Júlio César: o ditador democrático*, página 144.

considerado que ele no-la indicou, mas não no-la entregou”. (TACITUS, 2011, p.23)

Ainda no que diz respeito às empreitadas militares e às batalhas travadas durante a Guerra da Gália, são passíveis de associação com uma tentativa propagandista a impassibilidade aos extremos massacres ocorridos, não obstante às críticas dos opositores ao modelo conquistador apregoado por César, entre os quais se projeta Catão, e a ocultação do número preciso de inimigos abatidos. Enquanto o Senado concedia diversos dias de *supplicatio* em resposta às vitórias do valoroso sobrinho de Mário, aquele austero senador buscava alertar seus pares para o aterrador genocídio de populações gaulesas no arrastado conflito, ao apelar para a violação dos Direitos das Gentes contra usipetos e tecnetérios. O general, então, com uma carta insuflada de mordacidade dirigida a seu adversário, ratifica as motivações que sustentam a guerra gaulesa, ao passo que obtém como resposta a frase de Catão no Senado: “bem mais que os filhos dos britanos e dos celtas, vós deveis temer César”.¹⁹ É certo que o chefe militar tinha consciência da necessidade de possuir um contrapeso à glória de Pompeu, haja vista o empenho demonstrado em subjugar toda a Gália, ainda que configurassem um ônus à sua conquista a perda e a escravização de incontáveis vidas. Plutarco menciona a soma de um milhão de mortos mais um milhão de escravos. A submissão de tantos indivíduos é vista por muitos contemporâneos a César como insígnia de grandeza e aptidão. Nesse sentido, a referência a multidões de prisioneiros ou de mortos parece mais um vestígio da tentativa de afamar o autor da obra, tendo em vista que, com certa facilidade, isso proporcionaria a adesão de terceiros.

Finalmente, ao abordar as ferramentas que conferem um caráter propagandista ao discurso que fecunda *Commentarii de Bello Gallico*, é imprescindível discutir alguns recursos apresentados por Rambaud em *L’art de la déformation historique dans les commentaires de César*, os quais descortinam o traquejo do general para honorificar suas ações bélicas e torná-las perenes.

Preliminarmente, compete sinalizar que César, para a composição dos *commentarii*, utilizou-se de seus próprios relatos ao Senado. Quanto a isso, o

¹⁹ PLUTARCO, *Catão jovem* (51,4), apud CANFORA, 2002, página 158.

manual francês supracitado esclarece que estes são apresentados sem marcas cronológicas especiais quando passam a constar dos livros que formariam aquelas obras e que seriam disponibilizados para os leitores. Esse mecanismo contribui para que coexistam nelas dois estratos: o dos relatos e o dos *commentarii*, embora não estejam definidos os critérios para estruturá-los. Entende-se, então, que o relato militar se mistura aos recursos necessários a uma composição narrativa, o que torna difícil a separação entre fato histórico e fato narrativo, de caráter ficcional. Como consequência, eclodem nos livros dois tons: o técnico e o pitoresco, de natureza dramática. Este último, desprezado na estrutura dos relatórios enviados ao senado, é um ardiloso aditivo para a imposição do ponto de vista desejado pelo general ou para o desvio da curiosidade do leitor, pois que constitui um apelo para a sua sensibilidade literária por meio de representações cintilantes.²⁰

Além disso, César constrói uma narrativa justificada, na qual apresenta a história segundo seus próprios interesses. Para tanto, elabora um texto carregado de elementos estimados por oradores e assentado na ênfase apenas para batalhas que sublimariam a sua figura, sem preocupações com a verdade histórica. Ademais, o autor promove no arranjo narrativo dos *commentarii* um encadeamento das batalhas travadas, com a união de campanhas e guerras, na busca por provar que fora forçado a atacar. Assim, os relatos serviriam para desculpar seus eventuais fracassos e legitimar suas iniciativas.

Ainda no que tange aos instrumentos explorados para a sua autopromoção, o chefe romano vale-se também daquilo a que Rambaud chama “forma aritmética de hipérbole”. O uso, portanto, de grandes cifras para referir-se à horda de inimigos abatidos ou presos incorre em tentativa de engrandecimento. A imprecisão numérica, em expressões como “dezenas de milhares”, “centenas” ou “milhares”, também têm parte nesse processo. De modo semelhante, atua a tática do “exagero por imprecisão”, com a recorrência de quantificadores como “muito”, “bastante” e “grande”, para fins iguais de persuasão e propaganda. Desempenha papel central, outrossim, a repetição, devido à ostensiva multiplicação do enunciado, a fim de fixar uma ideia no

²⁰ RAMBAUD, Michel. *L'art de la deformation historique dans les Commentaires de César*, página 90.

leitor, algo feito, rotineiramente, contíguo a referências de matizes históricas. Não se pode ignorar também a mais elementar reincidência na obra: a do nome de César, o que Rambaud sentencia ser o fundamento da verdadeira glória.²¹

De cunho eminentemente persuasivo e conseqüentemente propagandista, alastram-se na obra estratégias relacionadas ao volume dos enunciados. Rambaud assinala serem esforços para chamar a atenção do leitor para determinado episódio. Com isso, o uso de construções sintáticas que alongam as sentenças torna-se imprescindível. O objetivo, portanto, seria prolongar a permanência do espectador diante de algumas ações narradas, principalmente aquelas passíveis de glorificar a figura de César e de suas legiões. O aumento da densidade de certas passagens dos livros era feito com o apelo a justaposições ou a redundâncias, por meio do emprego de palavras com sentidos próximos, ou, ainda, com a utilização de palavras antônimas. Com assaz frequência, técnicas para o aumento de volume eram exploradas em fragmentos que tinham nuance histórica ou que se debruçavam sobre o impacto oriundo do contato com as diferentes culturas. Isso confirmaria não apenas o desejo de desviar a atenção do leitor mas também a ambição por criar em torno do nobre chefe uma áurea de erudição e de aptidão doutrinária, essenciais para a investidura no cargo de líder único de Roma. Por fim, é oportuno frisar que os Livros I e VII são os mais extensos de *Commentarii de Bello Gallico*, exatamente porque um concentra-se em justificar a intervenção militar ante as ações helvéticas e o outro magistralmente focaliza a dispersão da conjuração gaulesa liderada por Vercingetórige e o derradeiro triunfo romano para a glória eterna de seu notável general.

Componentes eficazes na empreitada para enredar o receptor da obra são, da mesma forma, os apontamentos feitos à governança eficaz de César nas províncias que lhe foram atribuídas. A isso, soma-se o cartaz em torno da velocidade com a qual subjuga seus adversários ou com que constrói aparelhos de guerra vitais para as suas vitórias. Merece relevo ainda o investimento na ideia de que a Fortuna fazia-se a sua fiel companheira no curso dos acontecimentos que compõem o longo período que o ilustre romano

²¹ RAMBAUD, Michel. *L'art de la deformation historique dans les Commentaires de César*, página 196, 198, 200, 201 e 202.

permanece nas regiões de conflito. Como arremate, a vazão a caracteres de feições religiosas garante a infalibilidade do ataque publicitário que distingue a obra. De fato, César explora circunstâncias que suscitariam a crença em sua magnânima ascendência divina, remontada a Vênus, ou que denotariam possíveis intervenções dos deuses nas diversas pelejas executadas. Sendo assim, não se poderia abdicar do traço supersticioso que deveria movimentar a narrativa. Rambaud alude à preponderância de um sentimento religioso em três diferentes momentos: no massacre aos Tigurinos, nos discursos para as legiões e para os Helvécios e no mérito de Quinto Cícero na defesa de seu acampamento.²²

As investigações propostas evidenciam, portanto, o envolvimento divulgador que marca *Commentarii de Bello Gallico* e revelam um robusto pilar de sustentação das ambições políticas de seu autor. Para consolidar o estudo acerca delas, é pertinente analisar alguns recortes cênicos da obra, os quais serão distribuídos na próxima seção deste trabalho.

²² RAMBAUD, Michel. *L'art de la déformation historique dans les Commentaires de César*, páginas 250, 252, 265 e 266.

4. TRADUÇÃO E ANÁLISE DOS DISCURSOS

Esta seção do trabalho será dedicada à apresentação de fragmentos da obra estudada a fim de tornar mais palpável o programa político de César, abafado em uma narrativa que, a princípio, constaria apenas de meros relatos de batalha ao Senado Romano.

4.1. Tópicos acerca da natureza do lugar e da cultura dos povos

Descrições geográficas e avaliações sobre as culturas locais são recorrentes em *Commentarii de Bello Gallico* e convergem para a concepção de um painel com representações fascinantes que elevam a figura daquele que as narra. Os excertos seguintes salientam isso.

4.1.1. Divisão geopolítica da Gália

[I,1] Gallia est omnis divisa in partes tres, quarum unam incolunt Belgae, aliam Aquitani, tertiam qui ipsorum lingua Celtae, nostra Galli appellantur. Hi omnes lingua, institutis, legibus inter se differunt. Gallos ab Aquitanis Garumna flumen, a Belgis Matrona et Sequana dividit. Horum omnium fortissimi sunt Belgae, propterea quod a cultu atque humanitate provinciae longissime absunt, minimeque ad eos mercatores saepe commeant atque ea quae ad effeminandos animos pertinent important, proximique sunt Germanis, qui trans Rhenum incolunt, quibuscum continenter bellum gerunt. Qua de causa Helvetii quoque reliquos Gallos virtute praecedunt, quod fere cotidianis proeliis cum Germanis contendunt, cum aut suis finibus eos prohibent aut ipsi in eorum finibus bellum gerunt. Eorum una pars, quam Gallos obtinere dictum est, initium capit a flumine Rhodano, continetur Garumna flumine, Oceano, finibus Belgarum; attingit etiam ab Sequanis et Helvetiis flumen Rhenum; vergit ad septentriones. Belgae ab extremis Galliae finibus oriuntur; pertinent ad inferiorem partem fluminis Rheni; spectant in septentrionem et orientem solem. Aquitania a Garumna flumine ad Pyrenaeos montes et eam partem Oceani quae est ad Hispaniam pertinet; spectat inter occasum solis et septentriones. (CAESAR, 2006, p.02)

[I,1] Toda a Gália está dividida em três partes, das quais uma habitam os Belgas, uma outra os Aquitanos, a terceira aqueles que pela língua deles próprios são chamados Celtas; pela nossa, Gauleses. Todos estes, na língua, nos costumes e nas leis diferem entre si. O rio Garona separa os Gauleses dos Aquitanos; o Marne e o Sena separam os Gauleses dos Belgas. De todos estes, os Belgas são os mais fortes, pois estão muito afastados da educação e da civilização da província e muito raramente os mercadores vão até eles e importam essas coisas que servem para enfraquecer os ânimos. Além disso, estão próximos dos Germanos, que habitam além do Reno e com quem fazem guerras continuamente. Por causa disso, igualmente os Helvécios superam em coragem os Gauleses restantes, porque travam com os Germanos lutas quase diárias, seja

quando os afastam de seus territórios, seja quando eles próprios fazem guerra no território daqueles. Uma dessas partes, que se disse os Gauleses ocuparem, começa no rio Ródano, atinge o rio Garona, o Oceano e os territórios Belgas; chega também até o rio Reno, do lado dos Séquanos e dos Helvécios; volta-se para as regiões setentrionais. Os Belgas provêm dos territórios extremos da Gália; estendem-se até a parte inferior do rio Reno; estão voltados para o norte e para o oriente. A Aquitânia estende-se do rio Garona até os montes Pirineus e a parte do Oceano que está junto da Hispânia; localiza-se entre o oeste e as regiões setentrionais.

O item inaugural da obra tem o compromisso de introduzir o leitor nas regiões de conflito. Por isso, é esperada a sua ênfase em referências à natureza do lugar e aos atributos de quem o habita. A precisão das informações relativas à geografia e à cultura locais atua como importante acervo histórico e serve de base para relevantes estudos arqueológicos contemporaneamente. Todavia, cabe frisar o diagnóstico feito por César sobre as populações daquele território. Eram diversas quanto ao costume e à língua. A distância em relação à província e a necessidade de guerrear constantemente para sobreviver tornam mais forte uma delas. A construção desse cenário hostil e complexo parece propor um alerta aos espectadores acerca das dificuldades que as batalhas trariam. Nesse sentido, quanto mais impactado ficassem com a desconhecida Gália, mais valor teriam as investidas de quem guiou Roma àquelas grandiosas conquistas.

O trabalho em torno do exótico a fim de fascinar o receptor da obra e, conseqüentemente, de demonstrar as aptidões do comandante romano na consecução de vitórias e subjugação das imensas hordas inimigas é bastante florescente ao longo da narrativa que apresenta as diversas campanhas militares empreendidas. Percebe-se, então, que isso revela um interessante vestígio da inclinação política das composições elaboradas, porquanto convergem para a ideia de que César reúne uma série de qualidades indispensáveis a um cidadão de sua patente, desejoso de ser o único líder entre os seus concidadãos. O advento do magnífico, seja pela fluência de ingredientes relacionados à geografia, seja pela relacionada à cultura, é também a tônica dos fragmentos subsequentes.

4.1.2. Costume dos Gauleses

[VI,13] In omni Gallia eorum hominum, qui aliquo sunt numero atque honore, genera sunt duo. Nam plebes paene seruorum habetur loco, quae nihil audet per se, nullo adhibetur consilio. Plerique, cum aut aere alieno aut magnitudine tributorum aut iniuria potentiorum premuntur, sese in seruitutem dicant nobilibus: in hos eadem omnia sunt iura, quae dominis in servos. Sed de his duobus generibus alterum est druidum, alterum equitum. Illi rebus diuinis intersunt, sacrificia publica ac privata procurant, religiones interpretantur: ad hos magnus adulescentium numerus disciplinae causa concurrit, magnoque hi sunt apud eos honore. Nam fere de omnibus controuersiis publicis priuatisque constituunt, et, si quod est admissum facinus, si caedes facta, si de hereditate, de finibus controuersia est, idem decernunt, praemia poenasque constituunt; si qui aut priuatus aut populus eorum decreto non stetit, sacrificiis interdicunt. Haec poena apud eos est gravissima. Quibus ita est interdictum, hi numero impiorum ac sceleratorum habentur, his omnes decedunt, aditum sermonemque defugiunt, ne quid ex contagione incommodi accipiant, neque his petentibus ius redditur neque honos ullus communicatur. His autem omnibus druidibus praeest unus, qui summam inter eos habet auctoritatem. Hoc mortuo aut si qui ex reliquis excellit dignitate succedit, aut, si sunt plures pares, suffragio druidum, nonnumquam etiam armis de principatu contendunt. Hi certo anni tempore in finibus Carnutum, quae regio totius Galliae media habetur, considunt in loco consecrato. Huc omnes undique, qui controversias habent, conueniunt eorumque decretis iudiciisque parent. Disciplina in Britannia reperta atque inde in Galliam translata esse existimatur, et nunc, qui diligentius eam rem cognoscere uolunt, plerumque illo discendi causa proficiscuntur. (CAESAR, 2006, p.334 e 336)

[VI,13] Em toda a Gália, há duas categorias desses homens que têm alguma reputação e honra. De fato, a plebe é tida quase na condição de servos, que nada deliberam por si, em nenhum conselho é admitida. A maior parte, quando, ou pelo bronze alheio, ou pela magnitude dos tributos, ou pela injustiça dos mais poderosos, é oprimida, dedica-se em servidão aos mais nobres. Há para estes todos os mesmos direitos que os senhores têm sobre os servos. Mas, daquelas duas categorias, uma é dos druidas; outra, dos cavaleiros. Aqueles estão presentes nas questões divinas, ocupam-se dos sacrifícios públicos e privados, explicam os cultos: a este recorre um grande número de adolescentes para instruir-se e aqueles têm junto a estes grande honra. Com efeito, geralmente decidem sobre disputas públicas e privadas e, porque, se um crime foi cometido, se um massacre feito, se a disputa é sobre limites ou sobre herança, eles mesmos julgam, determinam as penas e as indenizações; se alguém, seja cidadão comum, seja povo, não obedece à decisão deles, proíbem dos sacrifícios. É esta entre eles a pena mais grave. Assim, aqueles que têm a interdição, estes são tidos na conta dos ímpios e criminosos; todos se afastam deles, evitam a conversa, a aproximação, para que não sofram algo de prejudicial a partir do contato; e, nem quando estes pedem, a justiça é feita, bem como honra alguma lhe é concedida. No entanto, um, que entre eles têm a maior autoridade, preside todos estes druidas. Morto este, ou é substituído, se algum dentre os restantes sobressai em dignidade, ou, pelo voto dos druidas, se há muitos iguais em mérito, algum é eleito; lutam, algumas vezes até com armas, por causa do poder. Estes, em certo momento do ano, reúnem-se nos limites dos Carnutos, região que é considerada a intermediária de toda a Gália, em um local sagrado. Para este ponto, de todas as partes, todos que possuem litígios afluem e obedecem às sentenças e às decisões deles. Acredita-se que a doutrina tenha sido descoberta na Britânia e, daquele lugar, tenha sido transplantada para a Gália, e agora, aqueles que querem conhecer mais exatamente a matéria partem para lá várias vezes a fim de aprender.

O capítulo inicia-se com a exposição sobre o papel social destinado à plebe entre os gauleses: servir aos mais nobres. A sua escravização e a ausência de representação política junto àquelas populações podem ser tidas como uma marca do primitivismo das instituições gálicas, se comparadas às romanas, haja vista a criação do cargo de Tribuno da Plebe ser bastante anterior ao tempo de César. Isso somado à referência à suposta origem britânica dos cultos praticados e ao destaque de que desfrutavam os druidas na organização daquela sociedade provocam choque e interesse. Desse modo, a romanização daquela região tende a ser entendida como necessária, dado o pensamento comum entre os romanos de que possuíam uma missão dessa natureza. Ao demonstrar uma sólida lucidez da vasta cultura dos inúmeros povos da Gália, César naturalmente é alçado ao posto de chefe ideal para o sucesso daquela empresa. Nesse ponto, é importante ressaltar o modo como o autor estende as sentenças que apresentam esse conteúdo, principalmente com construções sintaticamente paralelas e com expressões semanticamente próximas, a fim de prender o leitor àquela passagem. Com isso, os sucessos alcançados contra aqueles que, aliados a Cimbro e Teuto, no passado, haviam trazido graves transtornos a Roma, com a invasão à Península Itálica, seriam um fértil mecanismo para a eterificação de sua figura, o que fortaleceria seu projeto político.

Não se podem ignorar também o seu conhecimento sobre outros traços culturais importantes, como a religião, e a estratégia de opor os costumes dos gauleses e dos germanos, algo que valoriza ainda mais o triunfo das legiões romanas e de quem as dirigia, sobretudo em função da complexidade que distinguia aqueles povos e da dificuldade que impunham ao *imperium* dos romanos.

4.1.3. Religião dos Gauleses

[VI,17] Deum maxime Mercurium colunt. Huius sunt plurima simulacra: hunc omnium inuentorem artium ferunt, hunc viarum atque itinerum ducem, hunc ad quaestus pecuniae mercaturasque habere vim maximam arbitrantur. Post hunc Apollinem et Martem et Iouem et Mineruam. De his eandem fere, quam reliquae gentes, habent opinionem: Apollinem morbos depellere, Mineruam operum atque artificiorum initia tradere, Iouem imperium caelestium tenere, Martem bella regere. Huic, cum proelio dimicare constituerunt, ea quae bello

ceperint plerumque deuouent: cum superauerunt, animalia capta immolant reliquasque res in unum locum conferunt. Multis in ciuitatibus harum rerum exstructos tumulos locis consecratis conspicari licet; neque saepe accidit, ut neglecta quispiam religione aut capta apud se occultare aut posita tollere auderet, grauissimumque ei rei supplicium cum cruciatu constitutum est. (CAESAR, 2006, p.340 e 342)

[VI,17] Cultuam principalmente o deus Mercúrio. Existem muitas imagens dele: acreditam que ele é o inventor de todas as artes, o guia das estradas e das viagens; julgam-no ter o maior poder para questões de dinheiro e para mercadorias. Depois dele, cultuam Apolo, Marte, Júpiter e Minerva. Sobre estes, têm quase a mesma opinião que os povos restantes: que Apolo afasta as doenças, que Minerva carrega os princípios das artes e dos trabalhos, que Júpiter possui o império celestial, que Marte rege as guerras. A este, quando decidem lutar uma batalha, consagram aquelas coisas quem tenham obtido na guerra: quando vencem, imolam os animais capturados e conduzem as coisas restantes para um único lugar. Em muitas cidades, nos locais consagrados, pode-se avistar montanhas dessas coisas; e nem com frequência aconteceu de alguém que ousasse, ignorada a religião, ou roubar as coisas capturadas ou destruir as depositadas; e decidiu-se a punição mais grave para essa atitude com a tortura.

Novamente, o conhecimento de causa ergue-se como o principal subsídio para a crença de que César é o missionário de que os romanos precisam para verem cumprida a tarefa civilizatória que acreditavam possuir. Apesar dos vários elementos comuns à religião romana, sobressai no fragmento exposto o predomínio do culto a um deus em detrimento à adoração maior ao deus soberano, Júpiter. Além disso, o fim dado aos espólios de guerra é particular, assim como o tratamento a quem de algum modo o desvirtue. O impacto cultural não é ostensivo, entretanto funciona de apoio à frutífera confrontação com os teutônicos feita poucos capítulos adiante, o que servirá para impressionar os espectadores acerca dos desafios que as batalhas poderiam suscitar.

4.1.4. Comparação entre Gauleses e Germanos

[VI,24] Ac fuit antea tempus, cum Germanos Galli uirtute superarent, ultro bella inferrent, propter hominum multitudinem agrisque inopiam trans Rhenum colonias mitterent. Itaque ea quae fertilissima Germaniae sunt loca circum Hercyniam siluam, quam Eratostheni et quibusdam Graecis fama notam esse uideo, quam illi Orcyniam appellant, Volcae Tectosages occupauerunt atque ibi consederunt; quae gens ad hoc tempus his sedibus sese continet summamque habet iustitiae et bellicae laudis opinionem. Nunc quod in eadem inopia, egestate, patientia qua Germani permanent, eodem uictu et cultu corporis utuntur; Gallis autem prouinciarum propinquitas et transmarinarum rerum notitia multa ad copiam atque usus largitur, paulatim adsuefacti superari multisque uicti proeliis ne se quidem ipsi cum illis uirtute comparant. (CAESAR, 2006, p.348 e 350)

[VI,24] E houve antes um tempo, quando os Gauleses superavam os Germanos em coragem, no qual levavam a guerra espontaneamente, enviavam colônias para além do Reno, por causa da multidão de homens e carência de campos. Assim os Volscos e os Tectosages ocuparam os locais que são os mais férteis da Germânia, próximo à floresta Hercínia, a qual eu vejo ser conhecida pela fama de alguns gregos e de Erastótenes, à qual chamavam de Orcínia, e ali se fixaram; Essa nação, até este tempo, permanece nestes lugares e tem a suma consideração de justiça e de louvor guerreiro. Agora, porque estão na mesma carência, penúria e paciência em que permanecem os Germanos, usam do mesmo cuidado e sustento do corpo; por outro lado, a proximidade da província e o conhecimento de ações transmarinas e, sobretudo, o uso dão abundância aos Gauleses em muitas coisas. Paulatinamente habituados a serem superados e vencidos em muitos combates, na verdade, eles próprios não se comparam com aqueles em coragem.

O trecho acima parece ser uma tentativa de traçar um panorama do processo histórico de ocupação da Gália por gauleses e germanos, agregado à destreza bélica de ambos. Remonta-se, então, a um tempo antigo, quando aqueles sobrepujavam estes. O ímpeto dos primeiros é ressaltado e pode ser considerado valoroso, pois ocuparam as posições campais mais férteis do território inimigo. Lembre-se também a referência, no Livro I, ao massacre que impuseram ao cônsul romano Lúcio Cássio e às suas tropas em 107 a.C., episódio que motivou a resposta negativa à solicitação dos Helvécios para atravessar a província romana da Gália Narbonense. Conjugado à astúcia gaulesa está o aporte cultural, em 1ª pessoa do singular, com a menção ao eminente grego Erastótenes, que chamava Orcínia à floresta Hercínia. A preferência pelo abandono da 3ª pessoa e da efusiva repetição de seu nome parece um sobressalto bastante pontual de um aspecto de pessoalização que assentaria a extensa e culta bagagem que o nobre romano possuía. O fragmento, finalmente, encerra-se com o veredicto a respeito da superioridade guerreira dos germanos, não obstante a maior civilidade dos gauleses. A projeção dada à capacidade bélica daqueles não é razão para surpresa, a julgar pela exaltação de seu furor e de seu engenho militar em outros momentos da obra. O louvor às qualidades dos inimigos, o vigor destrinçador assumido pela narrativa para apresentar seus distintivos culturais e o culto à celeridade com a qual são derrotados surgem encadeados, o que estimula o vulto conquistador e doutrinador de César e confere, por consequência, um tom propagandista a suas composições. A nuance publicizante da necessidade de romanização está discretamente colocada por meio da atestação de que os

gauleses são mais abundantes do que seus adversários em diversas outras áreas, em virtude de sua proximidade com a província. Com isso, parece possível deduzir que a dominação executada posteriormente por César resultava em um instrumento de civilização daquela região e, sendo o general capaz de empreendê-la de modo tão extraordinário, era razoável que suas aspirações políticas de liderança única fossem vistas ao menos como um desejo plausível, e não como um delírio de vaidade injustificada.

4.1.5. Descrição geográfica das Ilhas Britânicas

[V,13] Insula natura triquetra, cuius unum latus est contra Galliam. Huius lateris alter angulus, qui est ad Cantium, quo fere omnes ex Gallia naues appelluntur, ad orientem solem, inferior ad meridiem spectat. Hoc pertinet circiter milia passuum quingenta. Alterum uergit ad Hispaniam atque occidentem solem; qua ex parte est Hibernia, dimidio minor, ut aestimatur, quam Britannia, sed pari spatio transmissus atque ex Gallia est in Britanniam. In hoc medio cursu et insula, quae appellatur Mona: complures praetera minores subiectae insulae existimantur, de quibus insulis nonnulli scripserunt dies continuos triginta sub bruma esse noctem. Nos nihil de eo percontationibus reperiebamus, nisi certis ex aqua mensuris breuiores esse quam in continenti noctes uidebamus. Huius est longitudo lateris, ut fert illorum opinio, septingentorum milium. Tertium est contra septentriones; cui parti nulla est obiecta terra, sed eius angulus lateris maxime ad Germaniam spectat. Hoc milia passuum octingenta in longitudinem esse existimatur. Ita omnis insula est in circuitu uiciens centum milium passuum.

[V,14] Ex his omnibus longe sunt humanissimi qui Cantium incolunt, quae regio est maritima omnis, neque multum a Gallica differunt consuetudine. Interiores plerique frumenta non serunt, sed lacte et carne uiuunt pellibusque sunt uestiti. Omnes uero se Britanni uitro inficiunt, quod caeruleum efficit colorem, atque hoc horridiores sunt in pugna aspectu; capilloque sunt promisso atque omni parte corporis rasa praeter caput et labrum superius. Vxores habent deni duodenique inter se communes et maxime fratres cum fratribus parentesque cum liberis; sed qui sunt ex his nati, eorum habentur liberi, quo primum uirgo quaeque deducta est. (CAESAR, 2006, p. 250, 252)

[V,13] A ilha é de natureza triangular e um de seus lados está contra a Gália. Deste lado, o outro ângulo, que está junto ao Kent, por isso geralmente todos os navios oriundos da Gália ali aportam, está voltado para o oriente; o inferior, para o sul. Este lado tem cerca de quinhentos mil passos. O outro pende para a Hispânia e para o ocidente; contra essa parte, está a Hibérnia, metade menor, como se considera, do que a Britânia, mas o trajeto entre eles e o da Gália à Britânia é semelhante em extensão. No meio deste caminho, há uma ilha, a qual é chamada Mona: várias ilhas menores próximas, além disso, estima-se haver; sobre essas ilhas, alguns escreveram ser noite trinta dias seguidos no inverno. Nada sobre isso, com nossas interrogações, encontramos, exceto, por certos relógios de água, que nos pareceu as noites serem mais breues do que no continente. A longitude deste lado é, conforme a opinião deles próprios, de setecentos mil passos. O terceiro lado está contra o norte; a

cuja parte nenhuma terra se interpõe, mas desse lado um ângulo está voltado principalmente para a Germânia. Estima-se que a sua extensão seja de oitenta mil passos. Assim, toda a ilha tem em circunferência vinte vezes cem mil passos.

[V,14] De todos estes, os mais civilizados são os que habitam Kent, região toda marítima, e não muito se diferem dos gauleses em costume. A grande parte dos interiores não semeia trigo, mas do leite e da carne vivem e vestem-se com peles. Todos os Britanos, porém, impregnam-se com pastel, o que torna a sua cor azulada e os deixa com o mais horrível aspecto na batalha; têm cabelos longos e todo o corpo raspado, exceto a cabeça e o lábio superior. Dez a doze homens têm em comum as esposas, principalmente irmãos com irmãos e pais com filhos; mas os que delas nascem são considerados filhos daqueles que primeiro as desposaram.

O advento do extraordinário é cultivado com a descrição detalhada do território e com um parecer sobre a cultura local. A preocupação de César em subsidiar a fantasia de seus conterrâneos em relação ao desconhecido é bastante comum ao longo da obra. Isso ganha contornos mais vivazes, entretanto, nos livros IV e V, com a especial ênfase dada à aventura romana naquelas ilhas. O retrato espacial minuciosamente apresentado localiza o leitor sobre as ações desenroladas e parece convidá-lo a imaginar-se no centro daquilo que lhe é descortinado aos olhos. Além de convidativo, o relato consolida o perfil de exímio explorador do comandante, contribui para a massificação de seu papel de líder e o torna depositário de autoridade, faculdades imprescindíveis a alguém com as suas ambições políticas. Embora não tenha conquistado territórios para Roma naquela localidade, as expedições realizadas e as relações estabelecidas devido às vitórias obtidas em combate garantiram a formação de vínculos comerciais duradouros e inseriram a ilha em uma zona de influência romana. Isso foi possível com a cessão do trono ao aliado Mandubrácio, após importante triunfo sobre o rival Cassivelauno.

Quanto ao aspecto cultural, é conveniente o realce a hábitos privados incomuns aos romanos e à práxis bélica atemorizante. O objetivo pode ser a magnificação da operação militar realizada e, conseqüentemente, a impericibilidade da glória obtida com a vitória. Paralelamente, também se pode cogitar a busca pela ratificação de uma tarefa civilizatória cabível aos romanos, da qual o general é um grande entusiasta e de cujos efeitos se vale para corroborar sua conduta. A extensão das frases que concretizam o conflito de culturas surge novamente como um recurso útil ao fortalecimento dos propósitos narrativos de seu autor. A tática de enfatizar as peculiaridades dos

adversários foi usada, conforme se apontou anteriormente, para retratar os gauleses mais afastados do contato com a província e os germanos, que, por sua ferocidade belicosa e por seus hábitos considerados degradantes, valorizaram significativamente o êxito de César.

4.2. Tópicos acerca de eventos históricos e de exaltação a valores

O acréscimo de referentes históricos, somado a pontuais alusões a valores distintivos dos romanos, preenche importante espaço na obra. Isso vem acompanhado também, em certos capítulos, de uma tentativa de demonstrar uma ampla perícia militar de César. É imperioso, por conseguinte, analisar essas estratégias para que se proceda ao exame acurado dos pilares políticos da narrativa elaborada.

4.2.1. Negativa aos Helvécios

[I,8] Interea ea legione quam secum habebat, militibusque qui ex provincia conuenerant, a lacu Lemanno, qui in flumen Rhodanum influit, ad montem Iuram, qui fines Sequanorum ab Helvetiis diuidit, milia passuum decem nouem murum in altitudinem pedum sedecim fossamque perducit. Eo opere perfecto praesidia disponit, castella communit, quo facilius, si se inuito transire conarentur, prohibere possit. Vbi ea dies quam constituerat cum legatis uenit, et legati ad eum reuerterunt, negat se more et exemplo populi Romani posse iter ulli per prouinciam dare et, si uim facere conentur, prohibitorum ostendit. Helvetii ea spe deieci nauibus, iunctis ratibusque compluribus factis, alii uadis Rhodani, qua minima altitudo fluminis erat, nonnumquam interdium, saepius noctu, si perrumpere possent conati, operis munitione et militum concursu et telis repulsi hoc conatu destiterunt. (CAESAR, 2006, p.12 e 14)

[I,8] Durante esse tempo, com a legião que tinha consigo, e com os soldados oriundos da província que se reuniram, do lago Lemano, que deságua no rio Ródano, até o monte Jura, que separa os limites dos Séquanos dos Helvécios, ergue um muro de dezesseis pés de altitude e dezenove mil passos de comprimento, protegido por um fosso. Realizada a obra, distribui as guarnições, fortifica as praças-fortes, para que mais facilmente, se tentassem atravessar contra a sua vontade, pudesse proibir. Quando chega o dia que fixara com os embaixadores, e os embaixadores a ele retornaram, diz que ele não pode, segundo o costume e o exemplo do povo romano, dar caminho a alguém pela província e, caso tentem fazê-lo contra a sua vontade, anuncia que haveria de repelir. Os Helvécios, privados dessa esperança, uns com navios, juntos às muitas jangadas feitas, outros pelos vaus do Ródano, nos quais a profundidade era a menor, algumas vezes durante o dia, mais frequentemente durante a noite, tentados se poderiam transpor os obstáculos, seja pela fortificação da obra, seja pela intervenção dos soldados, repelidos pelos dardos, desistiram dessa tentativa.

Em relevo, no excerto em questão, está a justificativa para a proibição da passagem dos Helvécios pela província romana, dado que para César isso poderia vir a representar não apenas uma ameaça à segurança da República, como também uma grave ofensa ao *imperium* de Roma em toda aquela região. Para subsidiar a decisão tomada, há a articulação prévia de todo um aparato militar e um apelo a caracteres de matiz histórico-cultural para a sustentação do que foi deliberado. A isso se agrega também a eficiência dos métodos de segurança cumpridos, pois a conclusão da cena narrada enfatiza a desistência helvética frente à habilidade de defesa desenvolvida pelo valoroso general. Assim, fica evidente o apelo para a perícia militar de César e o cuidado em ressaltar que as ações executadas estão em consonância com um projeto maior: o de garantia da soberania romana e de defesa dos interesses da República. Para tanto, não surpreende que seja esmiuçada a magnitude da obra construída e detalhado o cenário onde isso ocorre. Esses recursos, na verdade, apenas reforçam a nossa proposta de demonstrar que a estrutura narrativa de *Commentarii de Bello Gallico* é extremamente planejada e atende a um propósito claro de robustecimento da figura de seu autor. Os próximos recortes cênicos sinalizam uma preocupação com a integridade da República assim como buscam justificar a necessidade de empreender a guerra e de tratar severamente quaisquer inimigos que ousassem atacar de alguma maneira a honra romana.

4.2.2. Preocupações com a República

[I,10] Caesari renuntiatur Helvetiis esse in animo per agrum Sequanorum et Aeduorum iter in Santonum fines facere, qui non longe a Tolosatium finibus absunt, quae ciuitas est in prouincia. Id si fieret, intellegebat magno cum periculo prouinciae futurum, ut homines bellicosos, populi Romani inimicos, locis patentibus maximeque frumentariis finitimos haberet. Ob eas causas ei munitioni quam fecerat T. Labienum legatum praeficit; ipse in Italiam magnis itineribus contendit duasque ibi legiones conscribit et tres, quae circum Aquileiam hiemabant, ex hibernis educit et, qua proximum iter in ulteriorem Galliam per Alpes erat, cum his quinque legionibus ire contendit. Ibi Ceutrones et Graioceli et Caturiges locis superioribus occupatis itinere exercitum prohibere conantur. Compluribus his proeliis pulsus ab Ocelo, quod est oppidum citerioris prouinciae extremum, in fines Vocontiorum ulterioris prouinciae die septimo peruenit; inde in Allobrogum fines, ab Allobrogibus in Segusiauos exercitum ducit. Hi sunt extra prouinciam trans Rhodanum primi. (CAESAR, 2006, p.14 e 16)

[I,10] Expõe-se a César que os Helvécios tencionavam fazer caminho pelo campo dos Séquanos e dos Éduos, para os limites dos Santões, que não distam muito dos limites dos Tolosates, cidade que está na província. Se isso acontecesse, entendia haver de ser com grande perigo para a província que teria homens belicosos, inimigos do povo romano, vizinhos a locais vastos principalmente em cereais. Por esses motivos, coloca à frente da fortificação que fizera o lugar-tenente T. Labieno; ele próprio marcha para a Itália rapidamente e ali alista duas legiões, retira dos quartéis de inverno três, que nos arredores de Aquileia invernavam, e para a Gália Ulterior, por onde o caminho pelos Alpes era mais curto, com estas cinco legiões, dirige-se. Ali, os Ceutrões, os Graios, os Ocelos e os Canturiges, ocupados os lugares mais altos, tentam impedir o exército no caminho. Repelidos estes em muitos combates, de Ocelo, que é a extrema cidade da província citerior, aos limites dos Vocôncios, que é a extrema cidade da província ulterior, vai em sete dias; dali conduz o exército para os limites dos Alógrobos; dos Alógrobos, para os Segusiavos. Estes são os primeiros fora da província, além do Ródano.

As linhas acima apresentam elementos bastante caros ao público romano, a saber: a demonstração de preocupação com a segurança da República e a referência aos diversos povos existentes na região da Gália, os quais, devido à imensa diversidade, tornavam a plena dominação daquela localidade pelos romanos um antigo e constante problema. Além disso, mais uma vez, há um apelo à manifestação de profundo conhecimento da geografia do lugar, o que reveste a narrativa de um conteúdo de relevância para os seus contemporâneos como também para a posteridade e abastece o enredo com recursos voltados para o deleite. Igualmente, não se deve perder de vista que os capítulos inaugurais do texto cesariano preocupam-se em legitimar as batalhas nas quais os exércitos romanos se encontram envolvidos. Dessa forma, é suficientemente natural que se espere uma busca pela imprescindibilidade da guerra gaulesa, seja por meio de um argumento acerca da seguridade republicana, seja por meio de uma resposta a um ataque leviano por parte do inimigo. Independentemente da estratégia de construção da linha argumentativa, o objetivo maior parece facilmente palpável: incutir no leitor a indubitável capacidade de César para ser o gestor único de Roma. Nesse sentido, não causa espanto a velocidade atribuída a diversos feitos de guerra do exército comandado pelo general. São magistras aparatos de defesa construídos em um tempo escasso, grandes e desafiadoras distâncias percorridas em pouquíssimos dias e muitos combates realizados contra incontáveis povos. A ligeireza com a qual percorre tantos feitos pouco permite ao leitor a reflexão cuidadosa sobre eles. A rapidez, então, que contamina a

narrativa parece ter como propósito também suscitar a impressão de uma incrível habilidade e uma inabalável eficácia para a resolução de problemas.

4.2.3. Grande ofensa a Roma

[III,9] Veneti reliquaeque item ciuitates cognito Caesaris aduentu, simul quod quantum in se facinus admisissent intellegebant, legatos, quod nomen ad omnes nationes sanctum inuiolatumque semper fuisset, retentos ab se et in uincla coniectos, pro magnitudine periculi bellum parare et maxime ea quae ad usum nauium pertinent providere instituunt, hoc maiore spe, quod multum natura loci confidebant. (CAESAR, 2006, p.148 e 150)

[III,9] Os Vênétos e, do mesmo modo, as demais cidades, conhecida a chegada de César, ao mesmo tempo, porque entendiam quão grande crime tinham cometido contra ele, retendo consigo e lançando às cadeias embaixadores, nome que para todas as nações sempre fora santo e inviolável, resolvem preparar a guerra segundo a grandeza do perigo e providenciar principalmente as coisas que se referem ao uso de navios, com maior esperança, porque confiavam muito na natureza do lugar.

A violação da honra romana com o tratamento dado aos seus embaixadores é apresentada como razão para uma resposta severa aos inimigos, dado tamanho ultraje sofrido. Os cuidados dos adversários na preparação da batalha e os seus profundos conhecimentos sobre a natureza local reforçam as dificuldades enfrentadas pelos romanos, mas tornam imperioso, do mesmo modo, uma ação exemplar à ofensa cometida, conforme demonstra a cena abaixo.

[III,10] Erant hae difficultates belli gerendi quas supra ostendimus, sed multa Caesarem tamen ad id bellum incitabant: iniuriae retentorum equitum Romanorum, rebellio facta post deditionem, defectio datis obsidibus, tot ciuitatum coniuratio, in primis, ne hac parte neglecta reliquae nationes sibi idem licere arbitrarentur. Itaque cum intellegeret omnes fere Gallos nouis rebus studere et ad bellum mobiliter celeriterque excitari, omnes autem homines natura libertati studere et condicionem seruitutis odisse, priusquam plures ciuitates conspirarent, partiendum sibi ac latius distribuendum exercitum putauit. (CAESAR, 2006, 150 e 152)

[III,10] Eram estas as dificuldades de fazer a guerra que apresentamos acima, mas muitas coisas incitavam César, todavia, a essa guerra: as ofensas aos cavaleiros romanos presos, a rebelião feita após a rendição, a deserção, depois de dados os reféns, a conspiração de tantas cidades e, principalmente, negligenciada esta parte, que os povos restantes julgassem lhes ser lícito fazer o mesmo. Por isso, porque compreendia que quase todos os gauleses desejavam um novo estado de coisas e eram excitados viva e rapidamente para a guerra, todos os homens, por outro lado, desejavam a liberdade por natureza e odiavam a condição de escravidão, julgou que deveria dividir para si e distribuir mais vastamente o exército, antes que muitas cidades conspirassem.

Estão apontados os fundamentos para um tratamento mais áspero às cidades conspiradoras, sendo a violação dos direitos dos cavaleiros e embaixadores romanos o principal. A preocupação em desbaratar e desestimular possíveis conjurações também sobressai no capítulo em questão e está em consonância com o dever de zelar pelo bem-estar da República. Há, portanto, uma ação que resgata a medida a ser dada à *pietas*, dileto valor romano outrora apontado em nossas análises. Da mesma forma, são feitas considerações sobre a flexibilidade do caráter dos gauleses, apresentados como homens de pouca austeridade e, por esse motivo, de ânimo imprevisível. Os juízos de valor que imbuíam estereótipos aos mais diversos povos contra os quais lutou atuam como importante instrumento de adesão ao ideal civilizatório manifestado por César em sua obra e contribuem para a construção de um quadro degradante e pitoresco a ser incutido na mente de seus leitores. Assim, percebe-se que a narrativa é constituída por um recorrente processo cíclico de ludíbrio de seu receptor, pois que apela para emblemáticos valores romanos, para uma admirável ideologia civilizadora e para o alçamento de seu autor para o posto de líder inconfundível e extremamente capacitado para o cumprimento do destino de Roma. Por isso, não tende a parecer temerária, ao se considerar os propósitos de César, a aparente impiedade destinada aos inimigos em certos episódios que compõem o conjunto de fatos da duradoura guerra gaulesa. O próximo extrato ilustra isso.

[III, 16] Itaque se suaque omnia Caesari dediderunt. In quos eo grauius Caesar uindicandum statuit, quo diligentius in reliquum tempus a barbaris ius legatorum conseruaretur. Itaque omni senatu necato reliquos sub corona uendidit. (CAESAR, 2006, p.160)

[III,16] Por isso, entregaram-se a César, assim como todas as suas coisas. César resolveu puni-los mais severamente, a fim de que o direito dos embaixadores fosse mais diligentemente conservado pelos bárbaros durante o tempo restante. Portanto, morto todo o senado, vendeu os restantes como escravos.

Está claramente descortinada a severidade com que foram tratados os inimigos, em virtude do atentado aos direitos dos embaixadores. Conforme sinalizam as próprias palavras do general, o objetivo é garantir um diligente respeito a uma figura que sempre foi considerada inviolável junto a todas as nações. Não é involuntário, por isso, o uso pejorativo do termo “bárbaros”, alinhado ao atraso moral experimentado por tais povos. Com isso, não é desmedida também a pena capital imposta a todo o senado e a subjugação à

condição de escravos atribuída a todos os restantes. Parece que, nesse caso, a meta é instituir um exemplo de austeridade a ser seguido e validar a atuação romana na guerra, a qual esporadicamente fora questionada por eminentes concidadãos opositores de César.

4.2.4. Iniciativa de César

A referência a episódios históricos subsidia a demonstração de uma admirável habilidade militar e contribui para o fortalecimento do projeto dissecado em nossas análises. O próximo recorte as corrobora.

[1,33] His rebus cognitis Caesar Gallorum animos uerbis confirmauit pollicitusque est sibi eam rem curae futuram: magnam se habere spem et beneficio suo et auctoritate adductum Ariouistum finem iniuriis facturum. Hac oratione habita concilium dimisit. Et secundum ea multae res eum hortabantur quare sibi eam rem cogitandam et suscipiendam putaret, in primis, quod Aeduos, fratres consanguineosque saepe numero a senatu appellatos, in seruitute atque in ditione uidebat Germanorum teneri eorumque obsides esse apud Ariouistum ac Sequanos intellegebat; quod in tanto imperio populi Romani turpissimum sibi et rei publicae esse arbitrabatur. Paulatim autem Germanos consuescere Rhenum transire et in Galliam magnam eorum multitudinem uenire populo Romano periculosum uidebat; neque sibi homines feros ac barbaros temperaturos existimabat quin, cum omnem Galliam occupauissent, ut ante Cimbri Teutonique fecissent, in prouinciam exirent atque inde in Italiam contenderent, praesertim cum Sequanos a prouincia nostra Rhodanus diuideret; quibus rebus quam maturrime occurrendum putabat. Ipse autem Ariouistus tantos sibi spiritus, tantam arrogantiam sumpserat, ut ferendus non uideretur. (CAESAR, 2006, p. 50 e 52)

[1,33] Conhecidas estas coisas, César fortaleceu com palavras os ânimos dos gauleses e prometeu tomar para si a direção daquela situação: ele tinha grande esperança de que, convencido por seu favor e por sua autoridade, Ariovisto haveria de pôr fim às injustiças. Proferido este discurso, encerrou a assembleia. E depois disso, muitas coisas o impeliam a julgar que o negócio deveria ser ponderado por si e que deveria ser tomado a seu cargo, primeiramente porque via os Éduos, muitas vezes chamados irmãos e consanguíneos pelo Senado, sob o jugo e a direção dos Germanos, e sabia que os reféns daqueles estavam em poder de Ariovisto e dos Séquanos; o que acreditava ser muito vergonhoso para si e para a República, dado o tamanho poder do povo romano. Por outro lado, via ser perigoso para o povo romano os Germanos, paulatinamente, acostumarem-se a atravessarem o Reno e vir uma grande multidão deles para a Gália; e nem pensava que homens ferozes e bárbaros haveriam de conter-se, que, tendo ocupado toda a Gália, como os Cimbrós e os Teutões tinham feito, não sairiam para a província e dali se estenderiam para a Itália, sobretudo porque apenas o Ródano separaria de nossa província os Séquanos; considerava que deveria lutar contra estas coisas o quanto antes. O próprio Ariovisto, todavia, tomara para si tanto orgulho e tamanha arrogância, que não era de suportar.

O trecho reproduzido contém importantes recursos retóricos que atuam no revigoramento dos anseios políticos do experimentado comandante. Assim, as palavras embebidas de confiança acerca de sua influência para o desfecho da contenda existente, as manifestações da *pietas* e da *fides*, respectivamente em relação à preocupação com a segurança da República, devido a um possível avanço bárbaro, e à vergonhosa situação dos Éduos, aliados históricos do povo romano, somadas à referência a um fato histórico de extrema relevância, constituem elementos que atuam de modo consistente na construção da figura de um valoroso líder, o qual reúne caracteres imprescindíveis para o exercício da liderança.

Além disso, é válido ressaltar a estratégia de enaltecimento dos atributos bélicos dos inimigos, por meio de uma comparação com o memorável feito de Cimbros e Teutões, povos que aterrorizaram os romanos com a invasão à Península Itálica no tempo de Mário. César via nos Germanos o mesmo ímpeto ameaçador daqueles ousados povos que no passado tantos transtornos trouxeram a Roma. A lembrança desse episódio não é aleatória, haja vista que contribui para a propagação da ideia de que os feitos do general na guerra gaulesa foram extraordinários, contra adversários de grande valor guerreiro e para a proteção e exaltação da República Romana. O tratamento dado à circunstância também merece menção, pois é tida como vergonhosa tanto para o general como para Roma. Parece saltar aos olhos, nesse caso, a tentativa de, mais uma vez, justificar as ações do exército no conflito e de provar para os seus compatriotas o compromisso assumido pela firme defesa da república e de seus aliados.

4.3. Tópicos acerca da perícia militar de César

Os capítulos seguintes certificam a virtude militar cesariana e buscam, do mesmo modo que nos anteriormente apresentados, içar o distinto romano ao patamar de representante absoluto da República e missionário ideal para a execução do processo de romanização do mundo antigo.

4.3.1. O terror domina os soldados romanos

[I,39] Dum paucos dies ad Vesontionem rei frumentariae commeatusque causa moratur, ex percontatione nostrorum uocibusque Gallorum ac mercatorum, qui ingenti magnitudine corporum Germanos, incredibili uirtute atque exercitatione in armis esse praedicabant (saepe numero sese cum his congressos ne uultum quidem atque aciem oculorum dicebant ferre potuisse), tantus subito timor omnem exercitum occupauit ut non mediocriter omnium mentes animosque perturbaret. Hic primum ortus est a tribunis militum, praefectis, reliquisque, qui ex urbe amicitiae causa Caesarem secuti non magnum in re militari usum habebant: quorum alius alia causa illata, quam sibi ad proficiscendum necessariam esse diceret, petebat, ut eius uoluntate discedere liceret; nonnulli pudore adducti, ut timoris suspicionem uitarent, remanebant. Hi neque uultum fingere neque interdum lacrimas tenere poterant: abditi in tabernaculis aut suum fatum querebantur, aut cum familiaribus suis commune periculum miserabantur. Vulgo totis castris testamenta obsignabantur. Horum uocibus ac timore paulatim etiam ei, qui magnum in castris usum habebant, milites centurionesque quique equitatu praerant, perturbabantur. Qui se ex his minus timidos existimari uolebant, non se hostem uereri, sed angustias itineris et magnitudinem siluarum, quae intercederent inter ipsos atque Ariouistum, aut rem frumentariam, ut satis commode supportari posset, timere dicebant. Nonnulli etiam Caesari nuntiabant, cum castra moueri ac signa ferri iussisset, non fore dicto audientes milites neque propter timorem signa laturos. (CAESAR, 2006, p. 58 e 60)

[I,39] Durante o tempo em que se demora alguns dias em Vesonção, devido ao transportes de víveres e de trigo, pelo questionamento dos nossos e as conversas dos gauleses e dos mercadores, que informavam serem os germanos de uma desmedida magnitude de corpos e de incrível valor e destreza nas armas (diziam que, muitas vezes contra eles combatendo, não podiam sequer suportar o semblante e a vivacidade dos olhos), de súbito, tamanho temor tomou todo o exército, que grandemente perturbaria os ânimos e os pensamentos de todos. Nasceu este, primeiramente, dos tribunos militares, dos comandantes e dos restantes, os quais, seguindo César desde a cidade por causa da amizade, não possuíam grande experiência na arte militar: cada um dos quais, apresentada outra razão, que dizia ser-lhe necessária para partir, pedia que lhe fosse lícito retirar-se, com o seu consentimento; alguns, levados pela vergonha, permaneciam para que evitassem a suspeita de temor. Estes nem podiam fingir o semblante nem, às vezes, conter as lágrimas: recolhidos nas tendas, ora lamentavam o seu destino, ora lastimavam com seus familiares o perigo comum. Indistintamente, em todos os acampamentos, testamentos eram assinados. Aos poucos, também, os soldados e centuriões e aqueles que comandavam a cavalaria, que possuíam grande experiência nos acampamentos, eram perturbados pelas conversas e pelo medo destes. Os que dentre estes queriam ser considerados menos receosos, diziam não temer o inimigo, mas os desfiladeiros do caminho e a magnitude das florestas, os quais se interpusessem entre eles próprios e Ariovisto, ou diziam temer a provisão de trigo, como poderia ser transportado bastante comodamente. Alguns, ainda, anunciavam a César que, embora ordenasse que os acampamentos fossem movidos e os estandartes levantados, os soldados que ouvissem a ordem não haveriam de obedecer nem haveriam de levantar os estandartes, devido ao medo.

O capítulo acima constrói um surpreendente cenário de adversidades para a ação militar de César, com relevo para a afamada destreza germânica e para o inusitado pavor romano. A atenção dispensada à estrutura psicológica

do exército, por meio da minuciosa descrição dos ânimos de seus membros, tende a causar o mesmo temor e a mesma preocupação nos leitores da narrativa. Igualmente, parece haver a tentativa de ilustrar uma situação de insucesso praticamente irreversível, a qual apenas um líder da envergadura de César poderia reverter. O uso de períodos longos torna o capítulo inchado e prende o receptor ao texto, assim como cria uma imensa expectativa em relação aos fatos subsequentes. A referência ao ânimo profundamente abalado dos soldados, os quais pareciam certos de suas mortes, ressalta a grandeza da ação de César para superar esse desafio. Isso porque os romanos sempre foram conhecidos por sua imensa coragem, por sua distinta honra e por seu intenso vigor militar. Logo, a aparente desconstrução desse estereótipo torna mais louvável a posterior vitória alcançada ante os germanos e sobreleva a figura do general romano, cravejando-a no imaginário de seus conterrâneos.

A próxima cena revela o modo célebre pelo qual César restabelece o desejo de guerrear dos seus comandados, algo que valoriza ainda mais a estratégia de destruturação da bravura romana adotada anteriormente.

4.3.2. Restabelecimento do ânimo dos soldados romanos

[I,40] Haec cum animaduertisset, conuocato consilio omniumque ordinum ad id consilium adhibitis centurionibus uehementer eos incusauit: primum, quod aut quam in partem aut quo consilio ducerentur sibi quaerendum aut cogitandum putarent. Ariouistum se consule cupidissime populi Romani amicitiam appetisse: cur hunc tam temere quisquam ab officio discessurum iudicaret? Sibi quidem persuaderi cognitis suis postulatis atque aequitate condicionum perspecta eum neque suam neque populi Romani gratiam repudiaturum. Quod si furore atque amentia impulsus bellum intulisset, quid tandem uererentur? Aut cur de sua uirtute aut de ipsius diligentia desperarent? Factum eius hostis periculum patrum nostrorum memoria, cum Cimbris et Teutonis a Gaio Mario pulsus non minorem laudem exercitus quam ipse imperator meritis uidebatur; factum etiam nuper in Italia seruili tumultu, quos tamen aliquid usus ac disciplina, quae a nobis acceperant, subleuarent. Ex quo iudicari posse, quantum haberet in se boni constantia, propterea quod, quos aliquamdiu inermes sine causa timuissent, hos postea armatos ac uictos superassent. Denique hos esse eosdem, quibuscum saepe numero Helvetii congressi non solum in suis, sed etiam in illorum finibus plerumque superarint, qui tamen pares esse nostro exercitui non potuerint. Si quos aduersum proelium et fuga Gallorum commoueret, hos, si quaerent, reperire posse diurnitate belli defatigatis Gallis Ariouistum, cum multos menses castris se ac paludibus tenuisset neque sui potestatem fecisset, desperantes iam de pugna et dispersos subito adortum magis ratione et consilio quam uirtute uicisse. Cui rationi contra homines barbaros atque imperitos locus fuisset, hac ne ipsum quidem sperare nostros exercitus capi posse. Qui suum timorem in rei

frumentariae simulationem angustiasque itineris conferrent, facere arroganter, cum aut de officio imperatoris desperare aut praescribere uiderentur. Haec sibi esse curae: frumentum Sequanos, Leucos, Lingones subministrare, iamque esse in agris frumenta matura; de itinere ipsos breui tempore iudicatos. Quod non fore dicto audientes neque signa latenti dicantur, nihil se ea re commoueri: scire enim, quibuscumque exercitus dicto audiens non fuerit, aut male re gesta fortunam defuisse, aut aliquo facinore comperto auaritiam esse conuictam: suam innocentiam perpetua uita, felicitatem Helvetiorum bello esse perspectam. Itaque se quod in longiorem diem collaturus fuisset repraesentaturum et proxima nocte de quarta uigilia castra moturum, ut quam primum intellegere posset, utrum apud eos pudor atque officium an timor ualeret. Quod si praeterea nemo sequatur, tamen se cum sola decima legione iturum, de qua non dubitet, sibi que eam praetoriam cohortem futuram. Huic legioni Caesar et indulserat praecipue et propter uirtutem confidebat maxime. (CAESAR, 2006, p.60 e 62)

[1,40] Tendo notado estas coisas, convocada uma assembleia e a ela admitidos os centuriões de todas as ordens, acusou-os veementemente: primeiramente, porque imaginavam que deveriam ponderar ou procurar saber para qual região ou com qual deliberação seriam conduzidos por ele. Sendo ele cônsul, Ariovisto tinha desejado muito avidamente a amizade do povo romano: por que alguém pensaria que este haveria de romper de modo tão inconsequente com suas obrigações? Na verdade, ele estava convencido, conhecidas suas postulações e manifestada a equidade das condições, de que Ariovisto não haveria de rejeitar a sua gratidão, tampouco a do povo romano. Porém, se impellido pelo furor e pela loucura, tivesse levado a guerra, o que temeriam, afinal? Por que não contariam com seu valor ou com o zelo dele próprio? A experiência desses inimigos fora testada no tempo de nossos pais, quando Cimbro e Teutões foram expulsos por Gaio Mário e o exército parecia ter merecido um louvor não menor que o do próprio imperador; também, há pouco, fora testada na Itália, em uma rebelião de escravos, a quem, em certa medida, todavia, ajudariam a destreza e a disciplina, que tinham recebido de nós. A partir disso, pode-se avaliar o quanto de bom tinha em si a constância, porque àqueles que, desarmados, durante algum tempo, sem motivo, tinham temido, posteriormente armados e vitoriosos, tinha-os superado. Finalmente, eram estes os mesmos contra os quais os Helvécios, variadas vezes, tinham combatido, tendo vencido não apenas em seus territórios, mas também nos territórios daqueles, os quais, entretanto, não puderam ser iguais ao nosso exército. Se a alguns impressionava o combate infeliz e a fuga dos Gauleses, eles, se quisessem, poderiam verificar que, esgotados os gauleses pela duração da guerra, Ariovisto os vencera mais por cálculo e astúcia do que por valor, tendo permanecido muitos meses nos acampamentos e nos pântanos e não permitindo a ninguém atacá-lo. Ele próprio certamente não esperava que nossos exércitos pudessem ser surpreendidos por esta artimanha, a qual logrou êxito em razão do lugar e por ter sido contra homens bárbaros e inexperientes. Aqueles que atribuíam o seu temor à suposta falta de suprimentos e aos desafios do caminho faziam com arrogância, parecendo ou duvidar da destreza do general ou prescrever o seu dever. Estas coisas estavam ao seu cuidado: os Séquanos, os Leucos e os Liugões forneceriam o pão, e os trigos já estavam maduros nos campos; acerca do caminho, em breve tempo, eles próprios haveriam de julgar. Quanto a não obedecerem ao que fosse ordenado e a não levantarem os estandartes, isso em nada o abalava: sabia, de fato, que a todos aqueles a quem o exército não tenha obedecido, ou lhes faltara sorte, por mal gerida a guerra, ou, descoberto algum crime, fora reconhecida a avareza: a sua virtude fora demonstrada durante toda a sua vida, a sua sorte, provada na guerra dos Helvécios.

Por isso, aquilo que demandaria um tempo maior, resolveu-se que haveria de executar imediatamente; e na próxima noite, a partir da quarta vigília, haveria de mover os acampamentos, a fim de que pudesse saber o quanto antes se junto a eles valeria mais a honra e o dever ou o temor. Quanto a isso, se, ainda, ninguém o seguisse, marcharia, todavia, apenas com a 10ª legião, da qual não duvidava, e a qual seria para ele uma corte pretoriana. César não só tratava com distinção esta legião como também confiava nela ao máximo, por causa de seu valor.

O ponto inicial do capítulo assinala um investimento na necessidade da forte confiança que deve nortear a relação entre os comandados e o seu comandante. Assim, César aponta serem infundadas as especulações a respeito do direcionamento e do desfecho da guerra. Em vista disso, resgata episódios históricos relevantes para a restauração do ímpeto dos seus militares. A oportuna menção ao período de seu consulado, quando se manifestou o grande desejo de Ariovisto pela amizade do povo romano, agregada à reafirmação de seu zelo pelo exército, constitui a primeira ação para o revigoramento do ânimo dos combatentes. Em seguida, o comentário sobre a glória alcançada pelas tropas de Mário no exitoso embate contra os povos invasores, considerada tão grandiosa quanto a do próprio general, descortina a intenção de arruinar o mito sobre a intensidade guerreira dos germanos, tão temida naquele momento pelos romanos. Por isso, são recordadas as batalhas bem-sucedidas, em que os latinos contribuíram, inclusive, para o aperfeiçoamento da tática daqueles inimigos. As vitórias dos Helvécios sobre aqueles adversários também são peças da linha argumentativa criada, assim como a inexperiência dos gauleses, fator determinante para a derrota por eles experimentada. Como os primeiros foram superados magistralmente por esses mesmos soldados, sob a condução do próprio César, e porque os últimos eram bárbaros, resta evidente a busca por provar que não há motivo para fobias e que o triunfo é perfeitamente possível. A enumeração das provisões e a serenidade demonstrada diante das prováveis deserções pavimentam um desfecho bastante motivador para o discurso. Por conseguinte, ganha evidência uma síntese das qualidades demonstradas pelo general ao longo de toda a sua trajetória, as quais o livrariam de uma avareza profundamente prejudicial à condução das legiões. Do mesmo modo, a convocação ao cumprimento do dever e à observância da honra como expediente contra o temor funciona instrumentalmente para reavivar a avidez bélica dos legionários. Estratégia derradeira, a exaltação à 10ª legião romana é

a centelha que permite inflamar o exército por completo, haja vista o estímulo tácito à comprovação de virtudes provocado por tal ação. O esforço dispensado por cada um, então, para impressionar o general garante não somente o sucesso no campo de batalha, mas também coopera para a consolidação da lendária habilidade militar de César no imaginário popular.

4.3.3. Um novo ímpeto para guerrear

[I,41] Hac oratione habita mirum in modum conuersae sunt omnium mentes, summaque alacritas et cupiditas belli gerendi innata est, princepsque decima legio per tribunos militum ei gratias egit, quod de se optimum iudicium fecisset, seque esse ad bellum gerendum paratissimam confirmauit. Deinde reliquae legiones cum tribunis militum et primorum ordinum centurionibus egerunt, uti Caesari satis facerent: se neque umquam dubitasse neque timuisse neque de summa belli suum iudicium sed imperatoris esse existimauisse. (CAESAR, 2006, p.64 e 66)

[I,41] Proferido este discurso, de modo admirável transformaram-se os ânimos de todos, e o maior ardor e desejo de guerrear nasceu, e a décima legião foi a primeira, por meio dos tribunos militares, a render graças a César, porque havia feito de si um ótimo parecer, e confirmou estar preparadíssima para pelejar. Em seguida, as demais legiões articularam-se com os tribunos militares e com os centuriões das primeiras filas para darem satisfação a César: “que eles nunca tinham duvidado, nem tinham temido ou sequer tinham julgado ser deles o comando da guerra, mas sim do general.

As linhas acima confirmam a engenhosidade de César para recapturar a confiança dos soldados e para assegurar a unidade das legiões sob seu comando. Quanto à estrutura narrativa, tem-se o apelo para a sensibilidade do leitor devido à apresentação de um cenário eminentemente adverso em um capítulo anterior, seguido de sua magnífica transformação no capítulo seguinte. A transição da profunda dificuldade para a elevada glória materializa o espectro de *Virtus* do general, o que concorre para a consolidação de seu poder de liderança no imaginário dos romanos. A manifestação de reconhecimento acerca do responsável pelo comando da guerra e o pedido de desculpas ao comandante assinalam o bom resultado alcançado por meio da exortação feita. Os fragmentos seguintes reforçam a importância da conclamação ao combate para o conseguimento de triunfos. Além disso, expõem circunstâncias desfavoráveis para os romanos nas quais se fez necessária a intervenção direta de César, mediante uma corajosa atuação na frente de batalha.

[II,21] Milites non longiore oratione cohortatus, quam uti suae pristinae uirtutis memoriam retinerent neu perturbarentur animo hostiumque

impetum fortiter sustinerent, quod non longius hostes aberant quam quo telum adici posset, proelii committendi signum dedit. Atque in alteram item cohortandi causa profectus pugnantibus occurrit. Temporis tanta fuit exiguitas hostiumque tam paratus ad dimicandum animus, ut non modo ad insignia accommodanda, sed etiam ad galeas induendas scutisque tegimenta detrahenda tempus defuerit. Quam quisque ab opere in partem casu devenit quaeque prima signa conspexit, ad haec constitit, ne in quaerendis suis pugnandi tempus dimitteret. (CAESAR, 2006, p.114 e 116)

[II,21] Exortando os soldados com um discurso não muito longo, para que guardassem a lembrança de seu antigo valor, não se perturbassem no ânimo e sustivessem o ímpeto dos inimigos, porque estes não se encontravam mais longe do que para onde um dardo pudesse ser atirado, deu ordem para iniciar o combate. E avançando para outra parte a fim de igualmente exortá-la, correu ao encontro dos que lutavam. Tamanha foi a exiguidade do tempo e o ânimo dos inimigos tão preparado para combater, que não só faltou tempo para acomodar as insígnias do exército como também para colocar os capacetes e retirar a proteção aos escudos.

Novamente, a motivação atua como fator decisivo para os rumos do combate. O esforço pelo refazimento do ânimo dos soldados fundamenta o excerto exposto e está aliado a um discurso agradável a qualquer romano: o da constante utilidade de se recordar o antigo valor desse povo. A temeridade suscitada pela escassez de tempo para uma cuidadosa organização da atuação em batalha coloca-se mais uma vez como um desafio à destreza militar de César, a qual será o eixo arrebatador do próximo trecho.

4.3.4. Uma grande demonstração de virtude

[II,25] Caesar ab decimae legionis cohortatione ad dextrum cornu profectus, ubi suos urgeri signisque in unum locum collatis duodecimae legionis confertos milites sibi ipsos ad pugnam esse impedimento uidit, quartae cohortis omnibus centurionibus occisis signiferoque interfecto, signo amisso, reliquarum cohortium omnibus fere centurionibus aut uulneratis aut occisis, in his primipilo P. Sextio Baculo, fortissimo uiro, multis grauibisque uulneribus confecto, ut iam se sustinere non posset, reliquos esse tardiores et nonnullos ab nouissimis deserto loco proelio excedere ac tela uitare, hostes neque a fronte ex inferiore loco subeuntes intermittere et ab utroque latere instare et rem esse in angusto uidit neque ullum esse subsidium, quod submitti posset, scuto ab nouissimis uni militi detracto, quod ipse eo sine scuto uenerat, in primam aciem processit centurionibusque nominatim appellatis reliquos cohortatus milites signa inferre et manipulos laxare iussit, quo facilius gladiis uti possent. Cuius aduentu spe illata militibus ac redintegrato animo, cum pro se quisque in conspectu imperatoris etiam in extremis suis rebus operam nauare cuperet, paulum hostium impetus tardatus est. (CAESAR, 2006, p.120 e 122)

[II,25] César, depois da exortação à décima legião, passou para a ala direita, onde, reunidos os estandartes da duodécima legião em um único local, viu os seus serem apertados e os soldados, amontoados,

causarem eles próprios impedimento a si para a luta. Vendo que estavam mortos todos os centuriões da quarta corte, morto o porta-bandeira, perdido o estandarte, ou mortos ou feridos quase todos os centuriões das cortes restantes, entre estes o primipilar P. Séxtio Baculo, homem fortíssimo, atingido por muitas e graves feridas, de modo que já não podia se sustentar, vendo que os restantes estavam mais remissos e que alguns da retaguarda, abandonando o local, retiravam-se do combate e evitavam os dardos; vendo que os inimigos que subiam da parte frontal, a partir de um local inferior, não deixavam de avançar e de atacar por um e outro lado; vendo que as coisas estavam em um ponto delicado e que não havia nenhum corpo auxiliar que pudesse ser enviado, subtraído o escudo a um soldado da retaguarda, porque ele próprio tinha vindo sem escudo, avançou para a primeira linha e, chamados os centuriões pelo nome, exortando os demais soldados, ordenou afrouxar os manípulos e atacar, para que mais facilmente pudessem fazer uso das espadas. Com a chegada deste, levada a esperança aos soldados e restabelecido o ânimo, porque cada um, além disso, desejasse mostrar serviço à vista do general, em uma situação extrema, retardou-se um pouco o ímpeto dos inimigos.

Está patente a construção de um quadro assustadoramente grave para a salvaguarda de todos os membros do exército e do próprio general. A enumeração de tantas dificuldades e a contabilização de tantas mortes, inclusive a de um integrante reconhecido por seu valor, alicerçam a composição dessa passagem. Esse processo possibilita um posterior enaltecimento da figura de César, em consequência da importância do triunfo obtido. Com isso, nota-se um claro movimento propagandista, sobretudo pela referência à grande metamorfose do ânimo dos combatentes a partir das ações de seu comandante em uma situação tão extrema. O incentivo ao combate, a participação na primeira linha de batalha sem arma defensiva e a genuína coragem são os elementos típicos de uma narrativa ficcional a fim de estruturar um enredo pautado no extraordinário. Tem-se, portanto, uma obra que, apesar de se enquadrar em um gênero estéril no que tange à inventividade, caracteriza-se pela transcendência a modelos prévios, algo razoável para o intento político escamoteado em sua trama. O investimento na formulação de painéis plenamente desfavoráveis, desconstruídos pela intervenção decisiva e brilhante do nobre líder, almeja acentuar a competência bélica deste e, conseqüentemente, elevar a sua reputação junto a seu povo. Para isso, contribuem outra vez a impessoalidade do discurso, a ausência de marcas cronológicas especiais e a impassibilidade diante de perigosas campanhas militares.

4.4. Tópicos acerca da valorização do inimigo

As últimas análises visam expor de que maneira a técnica de exaltação das faculdades dos adversários colabora para o fortalecimento dos ideais políticos de César. De fato, a catalogação de circunstâncias nas quais se constatava o imenso valor dos oponentes fertiliza a ideia de que apenas César, por causa de sua estirpe e inegável engenho, poderia obter o comando da árdua tarefa de anexação da Gália ao poderio de Roma. A glória colossal experimentada em função das vitórias conquistadas aproxima-o de sua fundamental meta: tornar-se o líder máximo dos romanos.

4.4.1 O grande valor bélico dos Nérvios

[II,27] Horum aduentu tanta rerum commutatio est facta, ut nostri etiam qui uulneribus confecti procubuissent, scutis innixi proelium redintegrarent; tum calones perterritos hostes conspicati etiam inermes armatis occurrerunt; equites uero, ut turpitudinem fugae uirtute delerent, omnibus in locis pugnant quo se legionariis militibus praeferrent. At hostes etiam in extrema spe salutis tantam uirtutem praestiterunt, ut, cum primi eorum cecidissent, proximi iacentibus insisterent atque ex eorum corporibus pugnarent; his deiectis et coaceruatis cadaueribus, qui superessent, ut ex tumulo, tela in nostros conicerent et pila intercepta remitterent: ut non nequiquam tantae uirtutis homines iudicari deberet ausos esse transire latissimum flumen, ascendere altissimas ripas, subire iniquissimum locum; quae facilia ex difficillimis animi magnitudo redegerat. (CAESAR, 2006, p.122 e 124)

[II,27] Com a chegada destes, houve uma tamanha transformação das coisas que os nossos, até aqueles que destruídos pelas feridas tinham tombado, apoiados nos escudos, recomeçavam o combate; então, os criados, mesmo desarmados, vendo os inimigos atemorizados, atacaram-nos armados; os cavaleiros, na verdade, para que apagassem a torpeza da fuga com o valor, combatiam em todos os lugares para que excedessem os soldados legionários. Mas os inimigos também demonstraram tamanho valor na extrema esperança de se salvarem que, porque os primeiros deles tivessem caído, apoiavam-se sobre os que jaziam e lutavam sobre os corpos deles, derrubados estes e amontoados os cadáveres, aqueles que sobreviviam, como de uma colina, atiravam dardos contra os nossos e relançavam os dardos interceptados: de modo que não se deve julgar que, em vão, homens de tanto valor ousariam atravessar um rio tão largo, escalar montanhas tão altas, subir um lugar muito acidentado; essas coisas que a grandeza do ânimo tinham tornado de tão difíceis, fáceis.

O extrato apresentado celebra o ardor guerreiro dos adversários, contudo reitera a força do discurso exortativo de César, destacado em seções anteriores. Os desdobramentos narrativos da batalha ilustrada estão fundados na busca por um deslumbramento em relação à bravura dos romanos diante de tamanha adversidade. Essa fascinação causada pelo derradeiro esforço das legiões para conter o avanço oponente é essencial para que o processo de

valorização do inimigo tenha um grande impacto. Assim, não é inconsciente a preliminar menção ao restabelecimento do ânimo dos soldados, os quais, apoiados em seus escudos, retomaram a batalha. Igualmente, o empenho dos cavaleiros para superar os legionários e para demonstrar grande virtude acentua o rumo extraordinário que fomenta a cena descrita. Dessa forma, a atenção dispensada à habilidade militar dos Nérvios é algo complementar aos recursos textuais usados, os quais objetivam ressaltar a imensa dedicação dos romanos àquele combate. Agregados, consolidam o propósito de sugerir que a guerra da Gália exigia de César uma capacidade de liderança excepcional e representava uma meta de especial interesse para a perenidade de Roma. Cabe ressaltar o modo como é demonstrado o predicado bélico dos rivais. A elaboração de sentenças regidas por um matiz poético é evidente e enseja um encantador traço inventivo. Essa inundação lírica é escassa na obra e surge em situações pontuais, a fim de modelar o espírito dos seus receptores. O autor, então, descortina, inicialmente, fatos sabidamente aprazíveis a seus leitores e, em seguida, arremata o capítulo com a exposição de eventos guiada pelo sublime. Os admiráveis feitos daquele povo obstinado são relatados com uma imensa carga de respeito. A vitória romana se torna, por isso, ainda mais emblemática e abastece o projeto político do comandante por diferentes vias: pela comprovação, mais uma vez, de sua imensurável arte militar e pela sugestão da vasta complexidade do conflito. Ambas, contudo, atuam em um movimento para o engrandecimento de César, o que lhes confere um caráter fundamentalmente propagandista. As palavras que encerram celebrememente o presente episódio sustentam as análises feitas, pois mostram o que a grandeza do ânimo é capaz de superar, não obstante a aparente intransponível dificuldade.

4.4.2 Ascendência de Vercingetórige

[VII, 4] Simili ratione ibi Vercingetorix, Celtilli filius, Aruernus, summae potentiae adulescens, cuius pater principatum Galliae totius obtinuerat et ob eam causam, quod regnum appetebat, ab ciuitate erat interfectus, conuocatis suis clientibus facile incendit. Cognito eius consilio ad arma concurritur. Prohibetur ab Gobannitione, patruo suo, reliquisque principibus, qui hanc temptandam fortunam non existimabant; expellitur ex oppido Gergouia; non destitit tamen atque in agris habet dilectum egentium ac perditorum. Hac coacta manu, quoscumque adit ex ciuitate ad suam sententiam perducit; hortatur ut communis libertatis causa arma capiant, magnisque coactis copiis aduersarios suos a quibus paulo ante

erat eiectus expellit ex ciuitate. Rex ab suis appellatur. Dimittit quoque uersus legationes; obtestatur ut in fide maneant. Celeriter sibi Senones, Parisios, Pictones, Cadurcos, Turonos, Aulercos, Lemouices, Andos reliquosque omnes qui Oceanum attingunt adiungit: omnium consensu ad eum defertur imperium. Qua oblata potestate omnibus his ciuitatibus obsides imperat, certum numerum militum ad se celeriter adduci iubet, armorum quantum quaeque ciuitas domi quodque ante tempus efficiat constituit; in primis equitatu studet. Summae diligentiae summam imperi seueritatem addit; magnitudine supplicii dubitantes cogit. Nam maiore commisso delicto igni atque omnibus tormentis necat, leuiore de causa auribus desectis aut singulis effossis oculis domum remittit, ut sint reliquis documento et magnitudine poenae perterreant alios. (CAESAR, 2006, p.384 e 386)

[VII, 4] Pelo mesmo motivo aí Vercingetórige, filho de Celtilo, arverno, jovem do mais elevado poder, cujo pai tinha obtido o domínio de toda a Gália e, por esta razão – porque ambicionava o reinado – tinha sido morto pelos cidadãos, tendo convocado seus clientes, facilmente inflamou-os. Conhecida a sua resolução, corre-se para as armas. É impedido por Gobanicião, seu tio, e pelos chefes restantes, que não achavam que essa sorte devesse ser tentada; é expulso da cidade de Gergóvia; não desiste, contudo, e nos campos faz o alistamento de homens indigentes e arruinados. Reunida essa tropa, conquista para sua causa todos aqueles dentre os cidadãos que ele encontra; exorta para que peguem as armas em defesa da liberdade comum e, tendo reunido muitas tropas, expulsa da cidade seus adversários, pelos quais tinha sido banido pouco tempo antes. É aclamado rei pelos seus simpatizantes. Envia também embaixadores a eles; roga que permaneçam na lealdade. Rapidamente, coloca junto a si os Senones, os Parisios, os Pictones, os Cadurcos, os Turonos, os Aulercos, os Lemovices, os Andos e todos os restantes que tocam o oceano; com o consentimento de todos, o poder é concedido a ele. Oferecido este poder, exige reféns de todas estas cidades, ordena que um número exato de soldados seja conduzido rapidamente até ele, estabelece quantas armas cada cidade deve produzir em seu território e antes de qual data; dedica atenção especial principalmente à cavalaria. À mais intensa dedicação, ele acrescenta a maior severidade do comando; reúne os indecisos através do rigor do castigo. De fato, cometido um delito mais grave, ele mata pelo fogo e por todos os suplícios; por um motivo mais leve, tendo cortado as orelhas ou furado um olho, manda de volta para casa para que sirvam de exemplo aos restantes e para que aterrorizem os outros pelo rigor da pena.

O item se inicia com a definição do perfil de Vercingetórige. É pertinente mencionar a alusão à sua ascendência nobre e a seu poder de manipulação sobre os gauleses. Isso se soma ao reconhecimento acerca da extrema habilidade de comando do adversário, o que o torna ainda mais ameaçador. Diferentemente, no entanto, de um mero processo de valorização e de reconhecimento das virtudes dos adversários feitos anteriormente, há no corrente excerto a identificação de um genuíno líder, capaz de mobilizar multidões para a consecução de fins previamente estabelecidos. Todos os combates feitos até aquele momento não haviam erigido a figura de qualquer comandante que pudesse sequer ser aproximado da nobreza de César. Nesse

sentido, Vercingetórige constitui um dado novo, pois conjuga a tenacidade dos inimigos ao comando estratégico de legiões. A sua habilidade exortativa alimenta um movimento insurgente que demandou dos romanos uma gigantesca dedicação para debelá-lo e que ameaçou consideravelmente a consagração cesárea na região. Além disso, semelhante à maneira com que os feitos do eminente romano são narrados, imprimindo-se uma velocidade com a qual, de modo impressionante, os êxitos são alcançados, o sucesso do chefe gaulês para comungar os diversos povos daquela localidade é igualmente espantoso. Logo, parece bastante manifesta a diligência a partir da qual é revelada a natureza do oponente, a fim de sobrevalorizá-lo e identicamente proporcionar o atingimento de resultados pretendidos em episódios anteriores, a saber: apropriar-se de um discurso propagandista que torna etérea a figura do glorioso representante romano, em razão das decisivas vitórias obtidas, cultivar sua perícia militar e alçá-lo ao patamar de timoneiro absoluto dos destinos de Roma.

Por fim, as últimas palavras a respeito do direcionamento dado pelo adversário ao movimento que comanda encerram a necessidade da intervenção romana na Gália. A severidade do caudilho gaulês em relação a seus aliados e subordinados denota um matiz tirano em seu perfil. Assim sendo, a atuação de César veste-se de caracteres combativos louvados por seu povo, tão marcado na memória pela perversa tirania de Sila. Outra vez, o propósito de romanização é sutilmente evocado, afinal o terror provocado pelas graves punições instituídas por Vercingetórige é passível de atribuição a indivíduos bárbaros e carentes de urbanidade, cabendo aos romanos, por isso, materializados na figura de César, civilizá-los. Resta evidente, então, que ao discurso de exaltação da virtude guerreira do inimigo acrescenta-se o de urgência do cumprimento da missão dos romanos. Ambos, todavia, confluem para o intento último de tonificação do vulto do estimado general.

5. CONCLUSÃO

A trajetória de César foi marcada por acontecimentos que habitam o imaginário da humanidade ainda no cenário contemporâneo. O posto de destaque que o valoroso general ocupou na Antiguidade foi paulatinamente galgado, tendo sido a sua habilidade no manejo da palavra um recurso fundamental para os triunfos experimentados. Toda a sua formação intelectual, portanto, foi decisiva para que a sua incontestável arte militar se tornasse o principal distintivo de sua personalidade.

O exame a que se dedicou o presente trabalho permitiu não apenas diagnosticar a existência de grandes aspirações políticas no eixo narrativo de *Commentarii de Bello Gallico*. Permitiu também identificar os pilares que as sustentam e que posteriormente creditaram ao grande vencedor do conflito o comando absoluto do *imperium* de Roma. Para a cidade, significou mais uma anexação a seu já vasto horizonte. Para César, um avanço significativo para o cumprimento de seu grande objetivo.

Ademais, foi possível observar a transformação empreendida pelo autor no gênero *commentarius*, uma modalidade encerrada em uma subclasse da historiografia romana e de antecedência grega. A aridez típica de um texto que se propõe a relatar ações ao Senado cede lugar a uma composição que, em variados momentos, é contaminada por um matiz poético e ficcional capaz de atribuir a seu articulador o poder de modelar fatos históricos de acordo com suas conveniências e ambições. Para tanto, a adesão à linguagem impessoal e a repetição do próprio nome ante cada episódio magnífico e marcante das batalhas da guerra são artifícios bastante produtivos e atendem ao expediente da propaganda. Não obstante a vocação para as armas fosse mais gritante, o talento artístico de César não pode ser subestimado, sobretudo porque é a sua competência também como escritor que possibilita amplificar o alcance de seus memoráveis feitos como militar.

A remodelagem dos fatos minimizou os reveses que ameaçaram o seu triunfo final e esteve associada à incorporação magistral de incontáveis elementos agradáveis ao grande público romano. Conforme se almejou demonstrar, a narrativa construída está assentada no uso de recursos que atuam de modo cíclico para o fortalecimento político de César. As repetidas

marcas de caráter histórico e a constante obediência e apologia a valores morais emblemáticos colocam-se como técnicas determinantes para que o sobrinho de Mário seja visto como um predestinado para a efetivação da lendária missão atribuída a seu povo.

Os duros nove anos de combate em solo gaulês aparentemente lhe relegaram certo ostracismo em relação à dinâmica da política em Roma. Então, tornava-se intensamente necessário fazer-se presente no cotidiano dos cidadãos, bem como igualar-se em prestígio a Pompeu, àquela época muito aclamado por todos devido a seu êxito no Oriente. A estratégia adotada foi a de sugerir que as escaramuças na Gália eram excessivamente impetuosas e complexas e os inimigos, bárbaros ferozes e de ilimitada virtude beligerante. Com isso, elevar a altíssimos graus os adversários parece ser, na verdade, um louvor ao próprio general romano, uma vez que, após a apresentação das mais embaraçosas dificuldades, a sua intervenção saneava os campos onde quase se viram manchadas a honra e a glória dos romanos. Isso porque a adulação ao inimigo suscita a exigência de que um líder ainda mais valoroso atue para garantir a segurança da República e o respeito à sua primorosa história. Assim, o enredo firma-se como uma manifesta proposta de celebração a César e de cravejamento de sua figura na vida política da cidade.

Parece irrefutável, portanto, que o projeto político subentendido em *Commentarii de Bello Gallico* possui fundamentos dignos de uma valiosa reflexão. A incorporação de um discurso pautado no respeito a fatos históricos relevantes e na veneração a valores notoriamente simbólicos, associada a uma militância propagandista e a uma recodificação da linguagem empregada, integra a tentativa de provar que o seu difusor é o cidadão mais apto a conduzir Roma ao absoluto império do mundo antigo. O investimento em seu potencial missionário, com a inserção de dados chocantes da cultura dos diversos povos daquela região, é também um recurso útil para favorecer a consecução dos objetivos referidos. Por consequência, César brinda seus conterrâneos com as incríveis vitórias conquistadas e com uma brilhante narrativa para eternizá-las. As suas composições ajudaram a posteridade a dimensionar a grandeza do ícone em que o excepcional comandante se transformou. Do mesmo modo, permitiram que, independente dos desdobramentos do pós-guerra, fosse plantada na mente das pessoas uma pretensa única verdade: a de que César

foi um cidadão profundamente comprometido com aquilo que se julgava dever ser a verdadeira essência do homem romano.

6. REFERÊNCIAS

BAYET, Jean. *Littérature Latine*. Paris: Armand Colin, 1965.

BLATT, Franz. *Précis de syntaxe latine*. Versão francesa de Henri Barbier e Kristiana Olsen. Paris: IAC, 1952.

BOBES, Carmen et alii. *Historia de la teoría literaria- La Antigüedad grecolatina*. Madrid: Editorial Gredos, S.A., 1995.

CAESAR, C. Julius, *Commentarii de Bello Gallico*. 6. éd. rev. corr. Ed. Henri Goelzer. Paris: Garnier, 1906.

CAESAR, C. Julius, *Caesar – The Gallic War*. Londres: Harvard University Press – Loeb Classical Library, 2006.

CANFORA, Luciano. *Júlio César – O ditador democrático*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2002.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A Literatura Latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FARIA, Ernesto. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

_____. *Dicionário Escolar Latino-Português*. Rio de Janeiro: Fename, 1982.

FERREIRA, José Ribeiro. *A Grécia antiga: sociedade e política*. Lisboa: Edições 70, 1992

FIRMINO, Nicolau. *Comentários de César sobre a Guerra Gaulesa*. Lisboa: Livraria Avelar Machado, 1940.

FRIEDLAENDER, L. apud Roces, W. *La Sociedad Romana*. México – Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 1947.

GIORDANI, Mário Curtis. *História de Roma*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

GUARINELLO, Norberto L. *Imperialismo Greco-Romano*. São Paulo: Ática, 1987.

GRIMAL, Pierre et alii. *Gramática Latina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.

- KENNEY, E.J., & Clausen, W.V. **Historia de La Literatura Clásica**. Madri: Gredos, 1990.
- LAURAND, L. **Études sur le style des discours de Cicéron**. Paris: Belles Letres, 1925/27,
- LAUSBERG, H. **Elementos de retórica literária**. Tradução e prefácio de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.
- MAROUZEAU, J. **Traité de stylistique latine**. Paris: Belles Lettres, 1946.
- MARTIN, R. & GAILLARD, J. **Les Genres Littéraires à Rome**. Paris: Éditions Nathan, 1990.
- MENDES, Norma M. **Roma Republicanana**. São Paulo: Ática, 1988.
- MENDONÇA, Antonio da Silveira. **Caio Júlio César, Bellum Ciuile – A Guerra Civil**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1999.
- MENDONÇA, Antonio da Silveira et alii. **Vidas de César**. Trad. de Antonio da Silveira Mendonça e Isis Borges da Fonseca. São Paulo: Estação da Liberdade, 2007.
- NOVAK, Maria da Glória et alii (org.) **Historiadores Latinos**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.
- PARATORE, Ettore. **História da Literatura Latina**. Trad. de Manuel Rosa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1985.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de História da Cultura Clássica**. 3.ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002. v. 1 e 2.
- PIGANIOL, André. **Histoire de Rome**. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1977
- PLUTARCO. **Vida de Júlio César**. Rio de Janeiro: Editora Saraiva, 1966.
- RAMBAUD, Michel. **L'art de la déformation historique dans les Commentaires de César**, Paris: Les Belles Letters, Première édition, 1952.
- SPALDING, Tassilo Orpheu. **Pequeno dicionário de literatura latina**. São Paulo: Cultrix, [sem data].
- SUETÔNIO, Caius. **De vita Caesarum**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.
- TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino-português**. Porto: Gráficos Reunidos Lda., 7ed., [s.d.]
- VÁRIOS, VA. **Dicionário de Latim – Português**. Lisboa: Porto Editora, 2013.

VEYNE, Paul apud et al. ***A sociedade Romana***. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. (org.) ***História da vida privada***. Philippe Áries e George Duby (dir.). São Paulo: Companhia das Letras, 2012. v. 1.